

SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Junho/2014
EDIÇÃO ESPECIAL
Secretaria de Estado de Cultura

O FUTEBOL

NO CAMPO DAS LETRAS



Número especial organizado
por Marcelino Rodrigues da Silva
e Thiago Carlos Costa

LEGAÇÃO
CRAQUE
FUTEBOL
CAMPEÃO



De um jeito ou de outro, a tabelinha entre o esporte e as letras sempre foi um elemento importante desse grande fenômeno cultural que é o futebol no Brasil. Afinal, os grandes craques e os times sensacionais só ganham sua dimensão definitiva quando viram assunto das reportagens, das entrevistas, dos livros, dos programas de rádio e TV, das canções, dos hinos e cantos das torcidas, dos blogs, das pesquisas acadêmicas e das conversas de bar. Como os heróis das antigas Olimpíadas gregas, eles precisam dos poetas para eternizar os seus feitos, para reverberar e dar forma às glórias, aos dramas e às tragédias vividas no palco-picadeiro dos estádios.

Em Minas Gerais, essa tabelinha teve a participação de figuras importantes da literatura, como Eduardo Frieiro (que fez parte da primeira geração de jogadores de futebol de Belo Horizonte), Aníbal Machado (autor do primeiro gol da história do Atlético), e depois Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Roberto Drummond e muitos outros. Mas contou também com nomes nascidos do jornalismo e do próprio esporte, que de algum modo fletaram com a arte da palavra: a acidez polêmica do cronista Malagueta, a vibração galopante dos narradores (Babaró, Jota Júnior, Jairo Anatólio Lima, Wilibaldo Alves), a memória infinita e gestual de Kafunga, a crônica da saudade de Plínio Barreto, o minimalismo de Fernando Sasso, a escrita elegante e sofisticada de Tostão, as biografias dos jogadores...

A proposta de mostrar um pouco dessa história acabou se equilibrando em duas linhas: a reflexão ensaística sobre o futebol e sua relação com a arte (a poesia e a tragédia, por exemplo), feita por professores e escritores mineiros que não escondem seu interesse pelo rude esporte, e a recuperação de uma memória esportiva de Minas Gerais e de Belo

Horizonte, empreendida em textos de viés mais histórico. Completam o quadro algumas produções poéticas e ficcionais contemporâneas, pinçadas de um conjunto bem mais amplo de escritores que eventualmente escrevem sobre o tema. O grupo de estudos FULIA, da UFMG, assumiu a tarefa de organizar esta edição do *Suplemento Literário*.

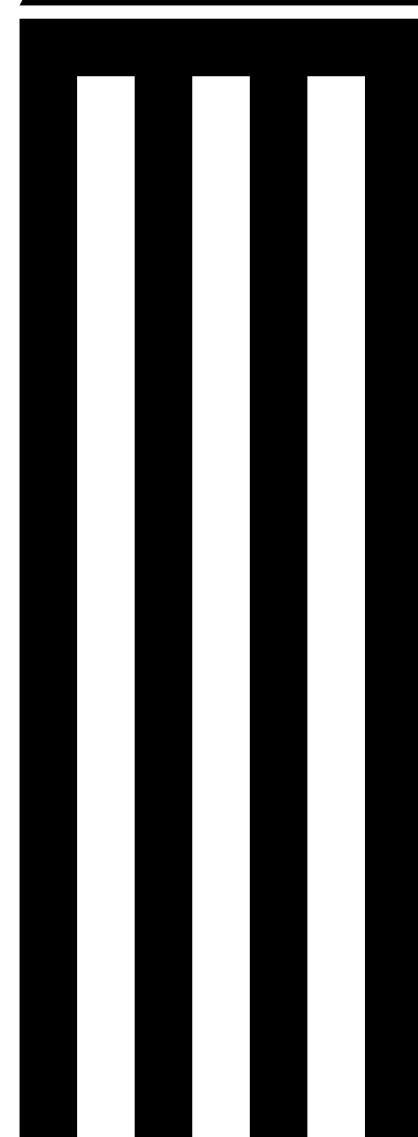
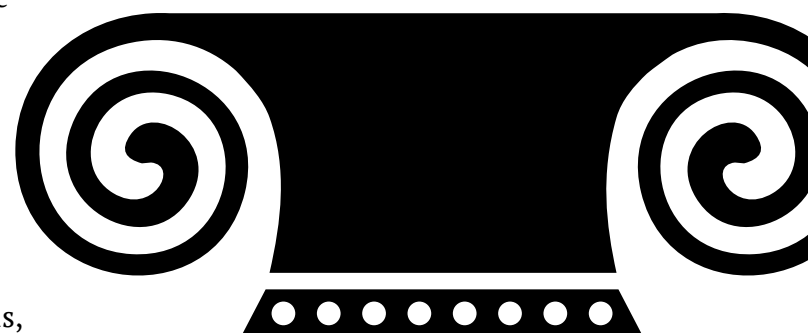
Terminado o trabalho, nos limites do tempo, do espaço e dos recursos disponíveis, a impressão que fica é a de que restaram muitas lacunas e ficaram de fora muitos fatos de primeira relevância na história da tabelinha entre o futebol e as letras em Belo Horizonte e Minas Gerais. Faltou Roberto Drummond, talvez o mais importante dos cronistas, e outros escritores que também se envolveram de alguma forma com o esporte, além dos já citados acima, como Abílio Barreto, Fernando Sabino, João Etienne Filho e Wilson Figueiredo. Sem falar na produção mais recente, de autores nascidos ou radicados em Minas, como Sérgio Rodrigues, que publicou no ano passado o romance *O drible*, e os integrantes do projeto *Pelada Poética*, que já deu origem a dois livros. Faltou Januário Carneiro e suas aventuras na Rádio Itatiaia, faltaram inúmeros narradores, comentaristas, colunistas, chargistas... Mas assim é a tarefa da invenção e da memória: sempre falta alguma coisa!

MARCELINO RODRIGUES DA SILVA

é doutor em Literatura Comparada e professor da Faculdade de Letras da UFMG. Publicou diversos trabalhos sobre o futebol em Belo Horizonte e no Brasil, entre eles o livro *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (Editora UFMG, 2006). É pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA).

THIAGO CARLOS COSTA

é mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG, pesquisador do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes – e coordenador do Museu Brasileiro do Futebol, no Mineirão.



A bola e a palavra

PASSES DE ARTE: O CASO GARRINCHA

ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

No seu excelente *Veneno remédio* (2008), José Miguel Wisnik lembra uma analogia proposta pelo ensaísta-cineasta Pier Paolo Pasolini, que associava, em 1971, o futebol europeu à *prosa literária* e o brasileiro à *poesia*. Se essas equações não estão completamente invertidas, hoje (2012), é certo que não são uma unanimidade. O futebol brasileiro, infelizmente, prosificou-se e o europeu (Barcelona, por exemplo) poetizou-se de algum modo.

Estamos vivendo, no Brasil, um momento de especial interesse pelo futebol devido à proximidade da Copa das Confederações (2013) e da Copa do Mundo (2014), até mesmo das Olimpíadas (2016). Embora o futebol venha se apresentando, já há algum tempo, como tema de ensaios, poemas e crônicas de grandes escritores brasileiros, creio não haver ainda uma correspondência, nas letras, da extraordinária relevância do futebol como manifestação cultural do povo brasileiro.

O futebol, enquanto jogo, é uma explosão de energia vital, uma manifestação das paixões humanas. A poesia, aparentemente uma atividade humana muito distante do futebol, tem com este alguns pontos comuns.

Se a poesia é uma arte, o futebol, muitas vezes, também o é. Tem seu lado lúdico, e o futebol, sua dimensão artística. E, segundo Huizinga, o *jogo* e a *poesia* têm origem comum:

A poesia desempenha uma função vital que é social e litúrgica ao mesmo tempo. Toda a poesia da antiguidade é simultaneamente ritual, divertimento, arte, invenção de enigmas, (...) feitiçaria, profecia e competição. (...)

A poesia nasceu durante o jogo e enquanto jogo – jogo sagrado, sem dúvida, mas sempre, mesmo em seu caráter sacro, nos limites da extravagância, da alegria e do divertimento. (...)

[O jogo] é uma atividade que se processa dentro de certos limites temporais e espaciais, segundo uma determinada ordem e um dado número de regras livremente aceitas, e fora da esfera da necessidade ou da utilidade material.¹

O final dessa citação coincide com a visão que Paulo Leminski, um dos maiores poetas contemporâneos, tem da poesia, para ele um *inutensílio*.

A crônica tem sido a espécie literária mais sensível ao futebol, talvez devido à natureza dessa narrativa, atenta ao cotidiano das pessoas e capaz de desentranhar de situações aparentemente banais do futebol as sutilezas da alma humana ou a encenação de conteúdos existenciais que nem todos percebem nas alternativas de uma partida futebolística.

Em seus momentos mais felizes a crônica literária e a contenda futebolística chegam a fundir suas determinações, alcançando uma espécie de “homologia estrutural”, como no livro *Bola na rede: a batalha do bi*, de Stanislaw Ponte Preta (nome artístico de Sérgio Porto). Essas crônicas foram escritas durante os jogos da Copa do Mundo do Chile, em 1962. E é impressionante a dinâmica da escrita sugerida pelos movimentos dos jogadores em campo. O ritmo da narrativa é ditado pela dinâmica da partida:

Brasil, Brasil, Brasil... grita todo o estádio. Está fazendo o que pode, mas pra ganhar este jogo, é melhor fazer o impossível. É gooooooolll! Amatidl... não... meu Deus... eu juro... é gollll A tildo. Não, *Amarildo*! Tava pintando, meu Jesus Cristinho! Zagalo foi genial, companheiros. Genial. Brasil, Brasil, BRASIL! Depois que acabar eu explico. Agora de jeito nenhum.²

O cronista parece jogar junto com os craques brasileiros. É um delicioso exemplo de como a escrita se torna emocionada. As letras fazem balancê, engasgam-se, trocam de lugar, literalmente enlouquecem. As reticências suspendem no ar o leitor e o levam, na oralidade mágica dessa escrita, ao calor da partida que se desenrolava no Chile. A repetição das letras do grito de gol, a caixa alta do nome da pátria, o grifo de Amarildo fazem a festa do significante e dão a ver a festa da torcida brasileira e dos jogadores em campo. E as transmissões de rádio que dominavam naquela época (a TV nascia então) são as matrizes desses trechos citados.

O *humor*, outro traço definidor da crônica, encontra ótima expressão no texto (jogo) “Brasil 3 × Inglaterra 1”: “São quatro horas da tarde e quase 35 minutos do segundo tempo. O Brasil joga tão fácil que Vovô Nilton Santos vai tentar o seu. Sai passeando com os netinhos pela alameda de Sausalito”.³ E ainda: “São 40 de bola rolando. Zagalo dá a Nilton Santos, um pouco atrás. Vem vindo o ancião pela beirada de lá. Cavou um *corner*. Bate Zagalo e pula seu Mané, pequenino, no meio de diversas Torres de Londres. E é dele... goooooool!”⁴

Uma personagem literária deve ser verossímil e veemente. Garrincha era veemente, mas às vezes raiava a inverossimilhança. Vi-o jogar ao vivo uma única vez (raríssimos mortais que me lêem tiveram este privilégio), no Estádio Independência, em Belo Horizonte. Um inesquecível Botafogo 5 × 4 Atlético Mineiro. O que mais fiz naquele jogo (eu devia ter uns 12 anos) foi rir, rir a não aguentar mais. Quem melhor traduziu

meu (e de muitos) estado de espírito naquela noite foi Nelson Rodrigues, embora falando de outro jogo, um Botafogo 2 × 1 Fluminense, de 1958:

O futebol era, nesta terra, um esporte passional, sombrio, cruel. O torcedor já entrava em campo vociferando: – “Mata! Esfola!”. Ontem, porém, no Botafogo × Fluminense, sentiu-se uma curiosa reação: – Garrincha trazia para o futebol uma alegria inédita. Quando ele apanhava a bola e dava o seu baile, a multidão ria, simplesmente isto: – ria e com uma saúde, uma felicidade sem igual. O jornalista Mário Filho observou, e com razão, que, diante de Garrincha, ninguém era mais torcedor de A ou B. O público passava a ver e a sentir apenas a jogada mágica. Era, digamos assim, um deleite puramente estético da torcida.⁵

Garrincha tem todos os ingredientes de uma grande personagem literária porque era uma *força da natureza*, sem limites. Ora, a *desmedida*, a *hybris* grega é a marca das grandes personagens trágicas. Quanto mais alto o voo (até o nome Garrincha refere-se a um pássaro), maior o tombo. Porque viveu os extremos da glória e da decadência, Garrincha merece um narrador capaz de dar forma literária à sua condição de um herói à maneira de Macunaíma, na sua inconsequência, no seu gosto de brincar (no sentido comum e no viés macunaímico), em suas contradições (esperteza e ingenuidade, malícia e pureza, sua imprevisibilidade e seu drible previsível), em seu final tão triste (aquele quase fúnebre desfile em um carro alegórico da Mangueira), que lembra o desencantado final de Macunaíma, que resolve ir banzar no vasto campo do céu.

Além de Nelson Rodrigues, outros dois cronistas falaram com muita propriedade do futebol do “anjo das pernas tortas”. Um deles, Mário Filho, na crônica “Garrincha, o simples”, diz o seguinte: “O drible é como uma emanação dele. (...) Ele está com a bola, aparece alguém para tomá-la, o ‘seu’ Manuel então dá o drible dele. Não tem culpa que o outro vá no drible, caia sentado, sem saber como. O drible de Garrincha é mais forte do que ele.”⁶ Acrescento: era como se o drible se valesse do corpo de Garrincha para se mostrar ao mundo em todo seu esplendor. O instinto de Garrincha era mais rápido que qualquer raciocínio de zagueiro.

Mário Filho registra, em um estilo que mescla o sagrado e o profano, a reação dos adversários driblados: “Quando ele passa por um adversário, qual é o jeito senão tacar-lhe mesmo o pé, com fé, esperança e caridade? Mas também Garrincha não se ofende. Compreende o pontapé que recebeu e perdoa”.⁷

Outro cronista que soube entender Garrincha foi Paulo Mendes Campos, em “Garrincha, o estrábico das pernas”:

A alegria do futebol de Garrincha está nisso: dentro de campo, ele se integra no espaço que lhe é próprio, não reflete mais, não perde tempo com a vagareza do raciocínio, não sofre a tentação dos desvios

existentes no caminho da inteligência. Como um poeta tocado por um anjo, como um compositor seguindo a melodia que lhe cai do céu, como um bailarino atrelado ao ritmo, Garrincha joga futebol por pura inspiração, por magia, sem sofrimento. (...)

João Saldanha sabia que não há instrução possível para Garrincha. Se a virtude do Mané nada tem a ver com a lógica, não será através da lógica que lhe corrigiremos os possíveis defeitos. E defeitos e virtudes não são partes que se possam isolar em Garrincha, que escreve certo por linhas tortas. Suas pernas são os símbolos desconexos dessa ilogicidade criadora.⁸

Recorto do extraordinário Veneno remédio, de José Miguel Wisnik, este trecho de Ney Bianchi, descrevendo os primeiros três minutos do jogo Brasil × União Soviética, na Copa do Mundo de 1958, que marcou a estreia de Garrincha e Pelé em copas do mundo:

(...) 15 segundos de jogo. Garrincha escora a bola com o peito do pé: 20 segundos. Kuznetzov parte sobre ele. Garrincha faz que vai para a esquerda, não vai, sai pela direita. Kuznetzov cai e fica sendo o primeiro João da Copa do Mundo: 25 segundos. Garrincha dá outro drible em Kuznetzov: 27 segundos. Mais outro: 30 segundos. Outro. Todo o estádio levanta-se. (...) Kuznetzov arremete outra vez, agora ajudado por Voinov e Krijveski: 34 segundos. Garrincha faz assim com a perna. Puxa a bola para cá, para lá e sai de novo pela direita. Os três russos estão esparramados pela grama, Voinov com o assento empinado para o céu. O estádio estoura de riso.⁹

Talvez tenham sido esses os três minutos mais eletrizantes da história do futebol e Garrincha foi seu protagonista. Mas como toda grande personagem trágica, Garrincha viverá sua trajetória descendente, cuja dramaticidade foi captada por Décio Pignatari, no texto “Sem piedade, Mané!”, do livro *Contracomunicação*:

O filho varão não veio, mataram o seu mainá [pássaro que imita a fala humana]; o joelho não tomou jeito e o seu futebol não voltou. Mas o amor que cantava – a grande Elza Soares! – que desejou e teve, resistiu ao temporal. (...)

“Veja, doutor, o estado do meu joelho: não melhora e não desincha. Meu nome é Mané Garrincha: já fiz mandinga, operação e injeção; tenho mulher e oito filhas que já não posso sustentar – e não sou cigarra para viver só de cantada.”¹⁰

Uma personagem literária vive da tensão entre um *ser reproduzido* e um *ser inventado*. São pedacinhos de gente, de humanidade à procura

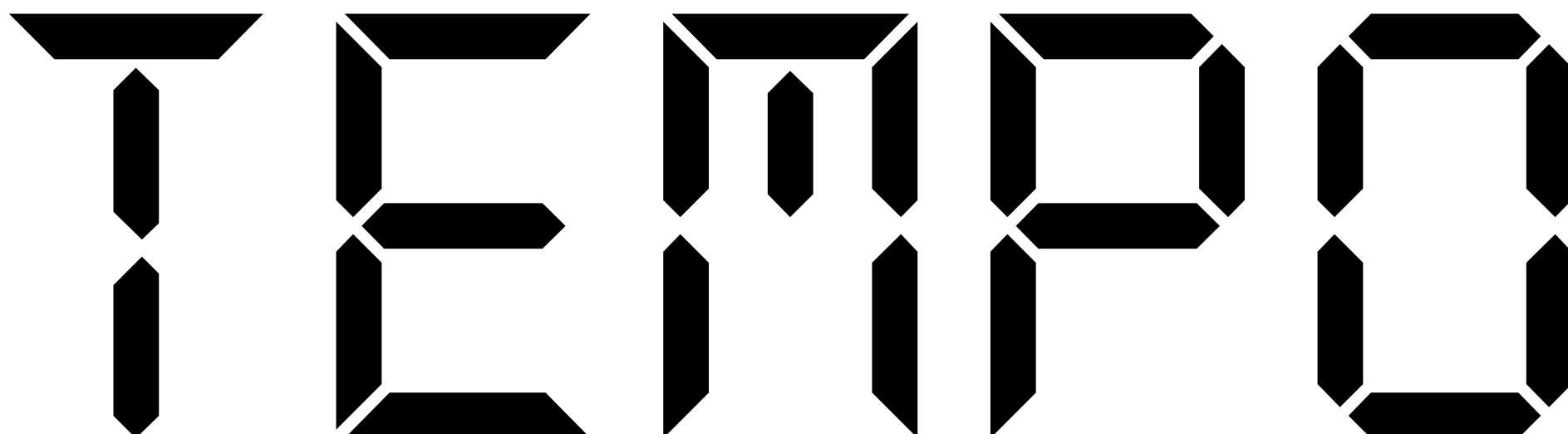
de um corpo ficcional. É um ponto de nuvem que vai virando verdade e um ponto de verdade que vai virando nuvem. O drible de Garrincha que vi com esta minhas retinas hoje tão fatigadas vai crescendo na minha saudade e fica encantado na minha memória com *metáfora de infância*.

- 1 HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993, pp. 134, 136 e 147. (grifos meus)
- 2 PONTE PRETA, Stanislaw. *Bola na rede: a batalha do bi*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 42-43. O placar do jogo foi Brasil 2 × 1 Espanha.
- 3 PONTE PRETA. *Bola na rede*, p. 51.
- 4 PONTE PRETA. *Bola na rede*, p. 49.
- 5 RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 62-63.
- 6 RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 232.
- 7 RODRIGUES FILHO. *O sapo de Arubinha*, p. 231.
- 8 CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- 9 BIANCHI, Ney. apud WISNIK, José Miguel. *Venenos remédios: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 269.
- 10 PIGNATARI, Décio. *Contracomunicação*. 3 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p. 203-204.

ANTÔNIO SÉRGIO BUENO

é professor aposentado de Literatura Brasileira, com mestrado e doutorado pela UFMG, e autor dos livros *O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte* (UFMG/PROED, 1982), *Afonso Ávila* (Coleção Encontro com Escritores Mineiros, vol. 1, UFMG/CEL, 1993) e *Vísceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava* (Editora UFMG, 1997).

BREVE NOTA SOBRE O



TRÁGICO NO FUTEBOL

TEODORO RENNÓ ASSUNÇÃO

Para começar com o óbvio (nem sempre bem percebido), direi que uma partida de futebol de campo – em campo grande, onde se afrontam dois times de onze jogadores visando o gol – tem, assim como os limites espaciais do campo (além dos quais o jogo não está mais valendo), limites temporais bem definidos que são os dois tempos, separados por quinze minutos de intervalo, de quarenta e cinco minutos cada um e mais alguns possíveis minutos de acréscimo compensatório. Mas, diferentemente, por exemplo, do que ocorre no basquete, os quarenta e cinco minutos são corridos e não interrompidos quando a bola sai de campo ou o jogo é paralisado, ou seja: eles se assemelham ou coincidem, enquanto ocorrem, com o tempo real, que só deixa de continuamente vir a ser no instante da morte. E, assim como o tempo real (ou com ele coincidindo), este contínuo vir a ser tem uma única e irreversível direção, representada espacial e triadicamente como uma linha que vai do passado para o presente em direção ao futuro, sem jamais retornar.

Dentro deste primeiro e básico enquadramento, no entanto, atua uma outra dimensão do tempo, que, no futebol, é enfatizada pela frequência (maior do que a em outros esportes coletivos de disputa entre dois times) das chances de jogadas perigosas, nem sempre determinadas apenas pela habilidade dos que atacam ou a inabilidade dos que

defendem (mesmo que sejam também decisivas), chances que podem ou não ser aproveitadas, e finalmente resultar ou não em gol. Pois são muitas as possibilidades em um jogo entre dois times adversários de onze jogadores que devem fazer continuamente circular com os pés a bola (com exceção do goleiro e de quem cobra lateral, mas somente por alguns segundos) sem poder propriamente segurá-la.

As chances (que aí ocorrem) representam e cristalizam, como dimensão temporal característica do agora humano, primeiramente a *indeterminação fundamental do futuro*, ou seja: a possibilidade de as coisas (ou, mais propriamente, os eventos) serem de uma ou de outra maneira, ainda que certamente nada do que já aconteceu possa deixar de ter acontecido e nem o presente de ser a mais imediata continuidade disso, como sempre bem indica o placar. Pois, como foi sempre evidente, o jogo (ou a possibilidade, ao menos, de mudança do placar, quando não uma mudança do resultado como vitória, empate ou derrota) de cada partida de futebol permanece sempre *em aberto* até o apito final, verdade (ou lugar-comum) em que o futebol parece apresentar um corte condensado agonístico e coreográfico da vida humana (o mais verossímil possível, porque é também a vida mesma) enquanto básica *abertura e indeterminação*, definida de uma vez por todas apenas com a morte.

Mas, em sua irrupção súbita (que pode mudar radicalmente a situação presente), as chances representam também cristalizadamente

a não igualdade ou descontinuidade do tempo, enquanto sucessão de *eventos singulares muito diferenciados* (isto é: mais ou menos perigosos) em relação à possibilidade máxima (que é também a cada vez única) do gol, que altera o padrão mesmo da realidade do jogo, com a mudança do placar e o seu recomeço no meio do campo, como se reiniciando a partida. O gol (do inglês *goal*, “meta” ou “objetivo”) é, enquanto aquilo que se busca, também um evento (a entrada da bola dentro do espaço interno das traves, o “alvo”), mas um evento máximo e reconfigurador que, de algum modo, subordina os outros, segundo o modo mais ou menos direto ou incisivo como a ele levam, ou seja: como são perigosos. O conjunto de uma partida, como campo de possibilidades de advento destas chances para a chance máxima do gol, permite, assim, a apreensão de um tempo diferenciado, como oportunidade ou chance, que foi formulada com felicidade pelos Gregos antigos como o *kairós*, a “ocasião favorável”, que é sempre única, não de todo previsível e decisiva, segundo o seu bom ou mau aproveitamento, para o resultado de uma disputa ou, mais genericamente, para o curso subsequente dos eventos.

Esta representação do tempo, que desautoriza o modelo não só de uma pretensa uniformidade objetiva, mas também o de uma continuidade regular e sem sobressaltos, parece centrada em uma percepção e conceituação do “evento” como aquilo que a cada vez e singularmente sucede ou acontece, o que também foi formulado com acuidade pelos Gregos antigos (em sua língua perspicaz) como a *týkhe*, o “acontecimento”, o (no sentido neutro) “sucesso”, que também poderia ser traduzido como “acaso”. Uma tal categoria inclui, por definição, todos aqueles detalhes ou circunstâncias aparentemente insignificantes, mas que, quanto ao resultado, são decisivos e desestabilizadores, dando a impressão, aos que os presenciam ou por eles são atravessados, de algo que escapa a seu controle. É figurado assim aquilo que – sobretudo em uma situação de relativo equilíbrio das duas forças adversárias (em preparo físico, habilidade e vontade de vencer) – irrompe e consagra de um modo misterioso (e não apenas por seus méritos) o vencedor. Para o pensamento mais arcaico da *Ilíada*, o “evento” decisivo que surpreende é sempre figurado como a manifestação de um deus (ainda que o mortal não saiba bem qual deles), e a “glória”, enquanto estrela momentânea da vitória ou *kúdos* (que antecede e justifica a “fama” ou “renome”, o *kléos*), é pensada como uma graça inconstante e caprichosa concedida pela divindade.

A efetividade soberana do acontecimento, exemplificada maximamente pelo gol (mas, em um outro e menor plano, também pelas jogadas bem realizadas que não necessariamente resultam em gol), parece, nesta perspectiva, tornar totalmente inútil e despropositada a questão da justiça ou injustiça de um gol ou de um placar final de uma partida (a não ser que haja um ou mais erros grosseiros de arbitragem), pois vitorioso é, por definição e segundo as conhecidas regras do jogo, aquele dos dois times que faz um número maior (e leva um menor) de gols, mesmo que se possa reconhecer eventualmente que um time derrotado teve o domínio técnico e um maior número de chances claras de gol

durante a partida, já que, como se sabe, sem a conversão em gols esta superioridade é insuficiente e inefetiva e só tem um valor simbólico e consolador.

E, apesar de não renunciar à ideia da responsabilidade dos agentes por aquilo que resulta de suas ações (o preparo físico, a habilidade e o entrosamento do time continuando a ser percebidos, assim, como essenciais para se obter a vitória), esta representação da descontinuidade não explica aquilo que (nunca de modo inteiramente certo) advém (isto é: acontece) em campo, apenas pelo mérito dos que disputam ou jogam, abrindo então espaço para a surpresa e a admiração diante do que, como algo maior e não de todo previsível e imaginável, acaba sucedendo (e se tornando também, uma vez sucedido, uma estranha necessidade). Assim, pois, também a falha ou o erro (sobretudo se eles são por muito pouco) dificilmente parecem atribuíveis apenas aos agentes humanos, o que pode dar, então, à derrota – complementarmente ao brilho sorridente da vitória – a dimensão de uma *tragédia* (aristotelicamente, “uma passagem imerecida da boa para a má fortuna, a partir de algum erro”), que é justamente o que traz – enquanto possibilidade negativa de algum modo sempre presente – o maior e mais ambíguo sabor ao futebol.

Enfim, como faltaram exemplos para dar mais sabor a esta breve tentativa de construção de uma hipótese sobre o tempo (ou o evento) no futebol, o ensaísta, já um pouco cansado, levanta-se da cadeira, junto ao *lap-top*, sai do escritório ou gabinete e entra na saleta da ficção, onde ouve, logo ao entrar, da boca de um velho amigo, que bebe tranquilo com outros chegados uma *pilsen-extra* num boteco de bairro belo-horizontino: “a chegada ligeiramente atrasada de Barbosa no gol de Giggia contra o Brasil na final de 50”; “o passo à frente dado por Júnior no escanteio do terceiro gol (também de Rossi) no Brasil e Itália de 1982”; “o pênalti perdido por Zico na prorrogação de Brasil e França em 1986”; “a arrumada de meio de Roberto Carlos no gol de Henry no Brasil e França de 2006”; e – após dar alguns exemplos do seu time: Cruzeiro, Atlético ou América?, o leitor pode escolher... – o amigo começa a narrar, com os olhos úmidos de lágrimas, lances ainda mais surpreendentes e decisivos presenciados por ele no futebol de várzea belo-horizontino dos anos 70 (sobretudo a, segundo ele, inesquecível *Copa Arizona*), citando nomes de jogadores “fabulosos” que o ensaísta nunca ouvira antes e de que, mesmo agora, invadido por uma grande onda Messi-Neymar, tem grande dificuldade de se lembrar.

TEODORO RENNÓ ASSUNÇÃO

mineiro de Belo Horizonte, é professor de Literatura Grega Antiga na Faculdade de Letras da UFMG. Publicou, entre outros, três livros de ensaios/memórias/contos: *Ensaíos de escola* (2003), *Autociografías* (2006) e *Extra-vacâncias* (2008).

UMA POÉTICA DO FUTEBOL NAS CRÔNICAS DE TOSTÃO

GUNTHER AUGUSTIN

O que o futebol tem a ver com a literatura? Ambos são jogos, um com o corpo e a bola, outro com a mente e a palavra. A analogia remete ao filósofo Wittgenstein,¹ que teria cunhado o conceito de “jogo de palavra”, que, por sua vez, podemos considerar uma das principais características de um texto literário. Dizem que a inspiração do filósofo se deu quando observou uma pelada de crianças em um parque. Achou as regras que a meninada seguia meio difusas e selvagens. Ao invés de sua analogia do jogo de palavras da língua com o jogo de xadrez, começou a preferir a comparação com o jogo de bola; no caso, o jogo de futebol, por este ter regras mais flexíveis ou mais espaços livres nas entrelinhas delas, abrindo campo para a interpretação. No jogo de xadrez não há faltas duvidosas, nem há a necessidade de juiz. Os movimentos das figuras sempre são em linhas retas. É um jogo quadrado, enquanto no futebol a bola é redonda, o que permite até um passe de curva.

O que o jogo de palavras, o de xadrez e o de futebol têm em comum é o potencial de permitir, dentro de relativamente poucas regras, a criação de um número ilimitado de constelações. Além disso, o jogo não é, em princípio e na sua forma autêntica, sério. Perder não significa morrer ou acabar na miséria. Mas os jogos de bola mesoamericanos foram mais do que brincadeira. Foram rituais de sacrifício, nos quais um dos times era sacrificado em homenagem a algum deus. Até hoje não se sabe se os melhores foram os derrotados ou os vencedores, porque nunca se conseguiu decifrar os placares.

Mesmo assim, nem tudo é brincadeira. Principalmente com a chegada da televisão, o jogo de futebol virou um espetáculo explorado pela mídia. Ao mesmo tempo e paradoxalmente, os estádios não se esvaziaram. Viraram palco de rituais e lutas simbólicas das massas urbanas. Futuramente, serão reservados às classes menos pobres, de poder aquisitivo maior. Voltando ao aspecto mais gostoso e valioso do jogo, como campo aberto para o imprevisto, a improvisação, a criatividade e a liberdade regulamentada, vale notar que até os filósofos estão se valendo desse potencial. Na filosofia contemporânea, a “teoria do jogo” chama a atenção porque uma das suas premissas é o reconhecimento do acaso e da decisão livre como operadores do destino, fatores que os tradicionais sistemas filosóficos de Platão até Marx não teriam contemplado.

É no campo do jogo de palavra, na língua e na literatura, que o potencial da criatividade atinge sua dimensão maior. Por que alguns poetas românticos ousaram achar-se semelhantes aos deuses? Porque confundiram seus mundos criados pela imaginação e fantasia com o mundo real. Partiram da visão idealista de que o mundo real como tal não existe. Ou, melhor – e simplificando bastante – dizendo, o mundo só existe na medida em que percebemos e descrevemos as coisas. Descrevendo as coisas, recriamos o mundo de forma inteligível. Colocamos ordem na infinita multiplicidade dos fenômenos, fazendo generalizações e dando nomes às coisas. Assim chamamos, por exemplo, todos os indivíduos humanos de homens. Em muitas línguas, o conceito até passa por cima da distinção entre homem e mulher. É simplificador, mas é simples e prático.

É com a língua que procuramos entender o mundo. Formamos conceitos com os quais estruturamos a realidade concebida, articulamos ideias que interpretam o mundo e propõem novas interpretações para mudar o mundo. Mas conceitos sempre são abstratos. Emprestamos de Kant a distinção entre discursivo e intuitivo. Pensar, falar e descrever com conceitos abstratos seria discursivo. Ordenar o mundo assim resulta em ordens do discurso, para emprestar um termo de Foucault. De outro lado, a percepção e representação intuitivas dariam-se através dos sentidos, com exemplos e imagens. Conforme Kant, elas antecedem o raciocínio lógico e não há conhecimento sem a intuição nesse sentido. É evidente que esse saber seria mais autêntico do que o saber abstrato. Seria isso um saber poético? E o que isso tem que ver com o futebol? Esse jogo com a bola tem uma poética? Lendo a coleção de crônicas do jogador Tostão no seu livro *A perfeição não existe*,² o leitor tem a impressão que sim.

Famoso como autor de jogadas brilhantes no Cruzeiro e na seleção, ele também é conhecido como autor de textos jornalísticos e literários. Em uma crônica recente, o jogador apresenta seu currículo assim:

Não sou, nem nunca fui jornalista, escritor, filósofo, psicanalista e, muito menos, intelectual. Escrevo isso porque me incomodo quando alguém diz ou escreve o contrário. Sou apenas um ex-médico (dediquei-me muito à medicina durante uns 20 anos) e, agora, um colunista, metido a entender de futebol e que gosta de um “filosofês” e de um “psicologês”.³

A aparente aversão contra o intelectual talvez seja uma concessão ao público leitor do jornal diário em que a crônica foi publicada. Sem o uso do intelecto e da inteligência, não poderia ter escrito crônicas como as do livro citado. Cada uma tem reflexões e sabedorias que muitas vezes vão além do futebol, do cotidiano e do senso comum. O fato de ter sido jogador colabora muito para a profundidade dos textos. Identificamos neles uma apreciação da inteligência visual e poética que nos interessa aqui. Antes, porém, vamos contextualizar essa dimensão, comentando os principais aspectos do discurso que o autor articula ao longo das crônicas do livro.

A crônica como gênero literário é sempre ligada à vida cotidiana, requer uma sensibilidade aguda no contato com a realidade e costuma procurar uma síntese a partir de fatos reais no dia a dia. Normalmente, é um fato moderno que está sujeito à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, como o fenômeno do futebol nos tempos atuais. Tostão adora “escrever, brincar com a palavra” (p. 116). Com isso ele toca na dimensão literária dos seus escritos. E admite: “Tento apenas escrever textos claros, concisos e técnicos. Quase sempre não consigo” (p. 199). Na crônica “Escritores, poetas e o futebol”, ele explica o que aprendeu nas colunas dos outros jornalistas brasileiros, que todos eles vão além de detalhes técnicos e táticos. Como a crônica ou a coluna permitem certo grau de subjetividade, ele quer “informar e opinar. Às vezes com um pouco de ironia. O colunista precisa da subjetividade” (p. 70). Gosta muito dos textos de Nelson Rodrigues e seu veredito sobre os “idiotas da objetividade.”

A subjetividade literária faz com que os textos do autor tenham como substrato uma determinada visão do mundo, o que chamamos o seu discurso. Na linguagem do cronista é assim: “As pessoas entendem do jeito que desejam, de acordo com seus conhecimentos e referências.” O leitor tem a impressão de que as referências mais influentes do Tostão foram Sigmund Freud e Hermann Hesse. Estudou o primeiro, que analisou a psique do homem e nossas limitações e repressões. Do segundo, lia tudo na adolescência “e sonhava viver como ele, livre, viajando e caminhando por todos os lugares” (p. 167). A dicotomia repressão versus libertação talvez seja a dicotomia fundamental que caracteriza o discurso do cronista sobre a vida, o futebol e a maneira de descrevê-lo:

O mesmo acontece na vida. Temos sempre de optar entre a razão e a paixão, o corpo e a alma, o socialismo e o capitalismo, o otimismo e o pessimismo, e dezenas de outras escolhas. Não há meio-termo. Como se a vida se passasse nos extremos. Essa dicotomia é uma das causas do sofrimento humano. O corpo deseja uma coisa, e a alma, outra. (p. 101)

É um pensamento dialético, que percebe o mundo e a vida do homem nas suas contradições. Quase todas as crônicas tratam de uma delas e a lista é longa: sonho e fantasia versus realidade, programado versus criativo, analógico versus digital, linha reta versus curva, ciência versus fantasia e arte, animal instintivo versus animal racional, objetivo versus subjetivo, realista versus romântico, explicação versus compreensão,

racional versus misterioso, científico e racional versus analógico e intuitivo. O próprio autor se caracteriza em termos dialéticos: além de ser realista, ele confessa ser romântico. Registra a realidade, mas não deixa de sonhar com a superação dessa realidade racional, comercial, programada e dominada pelo pensamento científico e as elites econômicas. Sua conclusão, nos termos do seu "psicologês": "A essência da vida é o sonho" (p. 64).

Podemos considerar essa frase bem freudiana e romântica uma frase chave do cronista. Uma das obras principais e fundadores do romantismo alemão começa com um sonho que o protagonista compara a um jogo infantil: "Tenho a impressão de que o sonho é uma proteção contra a regularidade e a banalidade da vida, uma livre recriação da fantasia onde todas as imagens são embaralhadas e a contínua seriedade dos adultos é rompida através de um alegre jogo infantil." Nele o jovem poeta encontra a flor azul, o símbolo do romantismo. A cena é tão carregada de sensualidade que poderia ter sido escrita por Freud, que publicou sua *Interpretação dos sonhos* um século depois do romance romântico, e um século antes da primeira crônica do livro. Para o pai da psicanálise, as imagens dos nossos sonhos representam nossas angústias e desejos reprimidos e inconscientes. Quem sabe interpretar seus sonhos sabe da sua vida. Sabe dos seus desejos e sabe que não pode porque são proibidos.

Dessa consciência pesada resulta o que Freud chamou de "o mal-estar na civilização", que sentimos um pouco nas crônicas de Tostão. Com a afirmação de que somos pecadores, o cronista adere a uma leitura teológica dos escritos de Freud a respeito da questão do pecado original. Vale lembrar que há outras leituras. E há visões que não restringem o desejo por menos repressão em todos os sentidos ao reino dos sonhos. Podemos também interpretar a valorização do sonho encontrada nas crônicas como uma visão romântica de um futuro melhor. Mesmo que o cronista reconheça que seu discurso até certo ponto é romântico e saudosista, não falta o elemento utópico. "Oscar Niemeyer, poeta do concreto, ensinou-nos que a solidariedade, a generosidade e a leveza, sem perder a coerência, deveriam fazer parte do cotidiano da nossa vida" (p. 180).

A referência a Niemeyer é um exemplo de como o cronista relaciona suas contemplações de sabedoria com o cotidiano e o futebol. Lembra que o arquiteto nos fez sonhar com a leveza e as curvas de seu trabalho. "A linha reta não sonha", disse. O sonho ganha uma dimensão nova

tanto na construção de um edifício quanto na de uma jogada. No futebol, é muito importante também saber dar uma curva na bola. É uma jogada bela e, ao mesmo tempo, eficiente. E tem algo poético. A dicotomia entre ideal e real, técnico e poético, articula-se muito bem na análise dos estilos de futebol.

Tostão lamenta o estado do futebol praticado atualmente. O futebol puro, intuitivo e espontâneo de 1958 acabou. Passou-se meio século e a seleção virou a empresa Nike Brasil, com um futebol científico, programado e previsível. "Chato, moderno e científico" é o título de uma das crônicas. "Quem perde morre" é outro, com uma dose de ironia. O que conta são os gols. Quem manda são os investidores, em detrimento da individualidade, da improvisação e da beleza do espetáculo. O futebol

científico e tático se opõe ao da arte e beleza. "A beleza do gol é fundamental" (p. 129). Os técnicos têm medo dos jogadores criativos e artistas, do jogador imprevisível, fantasista, inventivo. "Garrincha foi o mais imprevisível e lúdico, a alegria do povo, o poeta da bola" (p. 97). Por isso, o cronista recomenda: "O futebol brasileiro precisa reaprender a sonhar" (p. 272). Podemos ver de que maneira o autor apresenta o futebol como um campo das oposições científico versus artístico e realidade versus sonho. Duas vezes Tostão afirma que gostaria de ver o futebol com o olhar do poeta. Mas isso só parece possível em um mundo ideal:

No meu mundo ideal, queria assistir aos jogos somente com o olhar de um poeta e de um apreciador das coisas belas do espetáculo. No meu mundo real, preciso ser também pragmático e um analista técnico e tático. Eu tento unir os dois mundos. Nem sempre consigo. Os dois se estranham. (p. 242)

Mas o que seria o olhar de um poeta, o que seria o poético do futebol? O leitor pode encontrar a resposta na crônica "Teoria sobre o craque". Nela, Tostão relata a experiência de jogar ao lado de Pelé: "Quando joguei ao lado de Pelé, percebi que uma de suas principais qualidades era tornar simples o que era complexo. Tudo se iluminava à sua frente. Antes de a bola chegar, Pelé parecia me dizer, com seu olhar vivo e amplo, tudo o que ia fazer" (p. 273) Esse olhar vivo o cronista chama de poético. "O mais poético e interessante é que o craque antevê a jogada. Pensa antes dos outros. Sabe aonde a bola vai chegar. Como ele sabe? Sabendo. Existe um saber que antecede o raciocínio lógico"

O que o futebol tem a ver com a literatura? Ambos são jogos, um com o corpo e o outro com a mente e a palavra.

(p. 89). O diferencial dos melhores professores e técnicos seria a capacidade de observar, intuir e simplificar. Com frequência, Tostão expressa seu apreço pela percepção intuitiva, o que ele chama de analógica, mais pelos sentidos e menos pela racionalidade. “Existe um saber que antecede o raciocínio lógico. Esse conhecimento analógico e intuitivo é diferente da técnica e da habilidade” (p. 145). O saber intuitivo seria sentir sem entender e sem pensar. Esse saber ele chama também de inteligência visual. E ela é de fato uma característica do poeta. O olhar do poeta funciona com a imaginação, criando e representando imagens em forma de letras, palavras e textos.

O mais poético e interessante, para usar as palavras do próprio autor, é que ele estabelece uma relação entre futebol e arte. Na crônica “Fenomenal centroavante”, o leitor encontra quinze receitas para ser um fenomenal centroavante. Uma delas é relevante para nosso argumento: “Para ser um fenomenal centroavante, é preciso ser imprevisível, fantasista e inventivo, como era o Romário” (p. 130). São essas as características de um artista também. E mais: jogadores como Romário reinventam o futebol. “São transgressores. Subvertem a ordem e as pranchetas.” (p. 218). A transgressão é outra característica do artista, e o cronista confirma isso com uma afirmação na crônica “Ciência, arte e acaso”. Nela, Tostão lamenta que não haja mais a diferença entre o futebol de prosa na Europa e o futebol de poesia no Brasil. Hoje estaria tudo quase igual. Por causa da ciência do esporte e da globalização, o futebol evoluiu e se tornou um jogo excessivamente técnico, ou melhor, tecnicista. Mas ele encerra a crônica em um tom mais otimista: “O futebol e a vida continuam prazerosos e bonitos porque, mesmo em situações previsíveis, comuns e repetitivas, haverá sempre o acaso e um artista, um craque, para transgredir e reinventar a história” (p. 202).

Assim, no futebol como na arte, o sonho parece possível. Sonhar alto seria superar o comum e repetitivo, reinventar a história, passar da história real para a ideal. Lembremos o que dissemos no início. Dando nomes às coisas e conceitos às ideias abstratas, reinventamos o mundo. Então, cada discurso significa uma reinvenção. O que o cronista disse sobre o futebol vale para a vida e o mundo atual em geral: por causa da ciência e da globalização, evoluíram e se tornaram excessivamente tecnicistas. Parece que o cronista não põe muita fé na capacidade da ciência de reinventar essa história. No final da crônica “Conversa de botequim” confessa que não sabe como terminar a coluna e opta por um lugar-comum: “É um lugar-comum, mas vou citar as palavras de um grande pensador. Da mesma forma como os craques são os personagens mais importantes do futebol, os poetas são muito mais sábios do que a ciência” (p. 102). O cronista sabe que muitos lugares-comuns são exemplos de sabedoria que precisam ser lembrados de tempos em tempos.

Quem sabe se Romário será um desses craques fantasistas e transgressores extra-campo? O craque do campo tornou-se craque do discurso e já mostrou, como Tostão, sua sensibilidade poética, quando disse a frase: “Pelé, calado, é um poeta.” Calado não tem discurso. Resta o sonho do futebol de poesia, melhor do que o pesadelo que gente como Romário está vislumbrando.

- 1 WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Untersuchungen*. Frankfurt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001, Nr. 83.
- 2 TOSTÃO, A perfeição não existe: crônicas de futebol. São Paulo: Três Estrelas, 2012. Doravante, as citações das crônicas reunidas nesse livro serão referenciadas apenas pelos números das páginas.
- 3 O Tempo. Belo Horizonte, 27 mai. 2012, p. 37.
- 4 NOVALIS. Heinrich von Ofterdingen. Munchen: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 2004, pp. 16-17.
- 5 Tradução em: dimensaoestetica.blogspot.com.br/2009/05/o-sonho-de-heinrich-von-ofterdingen.html
- 6 veja.abril.com.br/noticia/esporte/romario-e-a-copa-guia-pratico-para-um-craque-do-discurso
- 7 www.youtube.com/watch?v=gYCPBpyN0jA

GÜNTHER AUGUSTIN

é doutor em Literatura Comparada, pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA) e professor aposentado da UFMG.

A constituição do jornalismo e da crônica esportiva e a introdução do futebol em Belo Horizonte

Chronica sportiva

É para vocês, meus garrulos sportsmen pequeninos, que hoje escrevo. Quizera, em verdade, dizer duas palavras de animação á brava mocidade do Gymnasio, que ante-hontem tão promissoramente estreou nas lides do sport. (...)

Eu, lá do meu cantinho obscuro, na arena, e aqui, do meu cantinho mais obscuro ainda, na Folha, senti e sinto um jubilo grande e uma grande esperança, prevendo a geração tão forte, que vae substituir, no campeonato da existencia, a nossa actual geração tão fraca. É bem possivel que vocês não deem polemistas tão mordazes e vãos, como os nossos de hoje, mas certo hão de dar, para bem de Minas e da Patria, moços sadios d'alma e de corpo, como os inolvidáveis guerreiros e sabios de Roma, que decantavão outrora a 'mens sana in corpore sano'.

Bons tempos, esses, os que hão de vir!

Sportsman

(Chronica sportiva. Folha Pequena. Belo Horizonte, 11 out. 1904, p. 1.)

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO

A constituição do jornalismo e da crônica esportiva em Belo Horizonte em grande medida se confunde com o processo de introdução e consolidação do futebol na capital mineira. Ao longo de suas trajetórias iniciais, ambos enfrentaram desafios e se alinharam a projetos semelhantes. Essas duas histórias se cruzaram, inclusive, no que se refere aos seus personagens, como evidencia a citação acima, que aponta para uma característica dos primeiros textos publicados nos periódicos da cidade: o fato de serem textos escritos por esportistas para esportistas, marcados por expressões conhecidas apenas pelos iniciados e com um discurso de defesa da utilidade das práticas atléticas para o meio local.

Fundada em 1897, a cidade de Belo Horizonte teve seu primeiro clube de futebol criado em 1904. Tratava-se do Sport Club, agremiação que cujas atividades se encerraram em 1906. No momento em que se deu a introdução da nova modalidade esportiva na cidade, observava-se um quadro

de pouca aproximação entre a população local e as atividades ao ar livre. Mesmo vivendo em uma capital planejada segundo os modernos preceitos do urbanismo e dotada de espaços próprios para o lazer público e os exercícios físicos, a exemplo do Parque Municipal, seus habitantes cultivavam hábitos tradicionais de uma convivência de natureza privada.

Raras eram as ocasiões em que as ruas e os demais espaços públicos eram tomados. Talvez as celebrações religiosas fossem a grande exceção a essa regra. Em um contexto de convívio restrito, os esportes e outras práticas de sociabilidade moderna tinham pouco espaço na cidade. Não foi por acaso que as demais iniciativas de implantação de agremiações atléticas não tiveram vida longa na capital mineira. No momento em que o Sport Club foi criado, todas as entidades dedicadas a modalidades como o hipismo, o alpinismo e o ciclismo já estavam extintas. O futebol chegou a uma cidade sem qualquer tradição esportiva.

Caminho tortuoso também era vivido pelo jornalismo local. Em inícios do século XX, a imprensa escrita possuía características bem diferentes

das que conhecemos hoje. Ainda funcionando em um sistema pouco voltado para os interesses comerciais, os periódicos eram povoados de textos de opinião em detrimento daqueles mais noticiosos. Em lugar de jornais abrangentes, observava-se uma profusão de folhas dedicadas a assuntos específicos, conduzidas por pequenos grupos de pessoas que conciliavam suas demais atividades profissionais com o ofício de jornalista. Veículos dedicados à política, aos imigrantes, aos operários, aos estudantes ou a temáticas como o humor, a literatura, o carnaval eram alguns dos que circulavam em Belo Horizonte em seus primeiros anos.

Sem uma estratégia comercial mais elaborada, a maior parte dos jornais desse período tinha vida curta ou publicação intermitente. A grande exceção era o veículo oficial do Governo do Estado, o *Minas Geraes*, que por razões óbvias é editado regularmente desde a década de 1890.

Não só a dificuldade de subsistir em uma cidade como Belo Horizonte alinhava o futebol e a imprensa. Um projeto comum podia ser percebido na maior parte dos discursos dos esportistas e nas páginas dos periódicos locais: a modernização dos costumes dos moradores da capital que havia sido planejada para ser uma das mais dinâmicas cidades do país.

Regularmente a temática da modernidade estava colocada nos debates que se desenrolavam nos periódicos locais das mais diversas vertentes. Múltiplas eram as percepções do que significaria a população da cidade incorporar os costumes modernos, o que demonstrava que mesmo compartilhando um único termo, inúmeros eram os significados dados para aquela ideia. De todo modo, um projeto de transformação de hábitos dos que recentemente haviam se mudado para povoar a nova capital mineira estava na ordem do dia. O futebol, como prática atlética de origens inglesas, associado a uma inovação na relação do homem com seu corpo, surgia como uma das alternativas de modernização de costumes, como evidencia o discurso do cronista intitulado *Sportsman*.

A propósito, essa abordagem do jogo e de suas utilidades talvez seja a principal marca dos textos jornalísticos que inicialmente trataram do futebol em Belo Horizonte. Ainda nos anos de 1904 e 1905, à realização de treinos e jogos entre as primeiras equipes formadas na cidade seguia-se a publicação de narrativas acerca do evento. Com poucas linhas dedicadas à descrição do desenrolar do embate e da participação da chamada assistência, em larga medida, os primeiros cronistas dedicavam-se a enfatizar os benefícios do jogo, seja do ponto de vista da saúde ou da formação do caráter.

Com textos povoados de estrangeirismos, a exemplo de palavras como *goal-keeper*, *backs*, *halfs*, *forwards*, *match*, *ground*, *team* e o próprio *football*, as crônicas pareciam buscar comunicar o desenrolar das atividades esportivas apenas a um grupo restrito de iniciados. Ao que parecia, não havia a intenção de registrar toda a dinâmica do jogo, de buscar traduzir a plasticidade dos movimentos e a dramaticidade do embate. Nessa perspectiva, a percepção da assistência restringia-se à atribuição de algumas notas sociais, destacando-se a presença de algumas autoridades e de gentis senhorinhas. A marca de distinção social que permeou o futebol em seus primeiros anos parecia atingir as crônicas produzidas sobre ele.

As referências ao esporte nos periódicos belo-horizontinos dos anos 1900 não se restringiam apenas às notas acerca dos treinos e dos jogos

realizados ali. Fruto das novidades tecnológicas que marcaram a virada do século XIX para o XX e que ajudaram a aprofundar o processo de globalização já em andamento, observava-se uma profusão de notícias acerca da prática atlética pelo mundo. Por meio dos serviços telegráficos, informações sobre o futebol na Europa, na América, no Brasil e mesmo nas cidades do interior de Minas chegavam às redações e ganhavam as páginas dos jornais locais.

O interesse pelo que acontecia para além das montanhas que cercavam a nova capital marcou a prática do futebol desde os seus primeiros anos. Essa perspectiva cosmopolita podia ser percebida nos discursos em defesa da nova atividade. Não só pequenas notas telegráficas foram publicadas nos periódicos da capital; artigos traduzidos de revistas internacionais, ou mesmo em língua estrangeira, apresentavam debates acerca das modernas técnicas médicas para melhoria do desempenho esportivo e sobre os benefícios dos exercícios físicos para a educação.

Se, por um lado, a introdução do futebol foi aos poucos criando espaços específicos para a inserção de notas e crônicas acerca do esporte nas páginas dos periódicos locais, por outro, a nova temática começou a ocupar colunas já tradicionais, tornando-se, por exemplo, objeto de versos humorísticos. Com seus discursos acerca dos benefícios da atividade física e a tentativa de construção de uma personalidade cosmopolita e afinada com as modernas tendências, os *sportsmen* transformavam-se em alvo da caneta afiada dos jornalistas, como se vê no caso da coluna “Traços”, publicada no jornal *A Epocha*:

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas,
Nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escolas.

E quando alguém se espanta a ver os seus calções
Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,
[...]
Afirmam que elle é todo um monte de borracha,
Pois sempre cae no chão e nunca se esborracha!

Quando joga no Parque a péla, exposto ao Sol,
Parece resumir o medonho foot-ball!

TIMOUR

(Fagulhas. *A Epocha*. Belo Horizonte, 16 out. 1904, p. 2.)

Se os versos humorísticos apresentavam uma caricatura do jogador de futebol, o que não representava exatamente uma reprovação da nova prática, crônicas do cotidiano apresentavam versão mais contundente da crítica ao costume que se tentava introduzir na cidade.

Quem me aplacou os nervos foi o Lucio que eu via approximar-se,
calmo e pensabundo, como no dia em que o apresentei ao leitor.

Abracei-o numa irrefreável expansão de alívio, certo de que, como eu, também elle malsinaria o morbus invasor. Interroguei-o sobre a politica internacional de que elle dava tão detalhadas noticias; mas, com grande espanto meu retrucou:

- Não leio mais jornaes, tenho agora melhores occupações.
- Que dizes? perguntei desconfiado.

Lucio recuou um passo, arregaçou até ao hombro direito a manga do casaco, e, enrijando o biceps, com o braço em angulo, falou:

- Olha este muque. Entrei para o “José de Alencar foot-ball-club”.

(SEMANAES. A Epoque. Belo Horizonte, 12 fev. 1905, p. 1-2.)

Entendido como mania em seu momento de introdução na cidade, o futebol ganhava espaço como temática das crônicas que buscavam representar o cotidiano da capital mineira e via-se em meio a um embate entre diferentes projetos de modernidade para Belo Horizonte. Por meio das páginas dos jornais, as diversas propostas disputavam espaço entre o público leitor.

Com a consolidação da prática do futebol em Belo Horizonte ao longo da década de 1910, observou-se a conformação mais clara de um jornalismo esportivo local. Tal fenômeno não se explica apenas pelo enraizamento da atividade atlética, mas também se relaciona a uma transformação vivenciada pela imprensa da capital mineira. A partir de meados dos anos 1910, iniciou-se a publicação de alguns periódicos com um esquema mais profissional de produção, os quais buscavam construir uma linha editorial mais alinhada às expectativas de um mercado leitor em formação. Com artigos de caráter noticioso e explorando temáticas populares, esses jornais intencionavam não só representar a opinião de um grupo, mas conquistar anunciantes e obter lucros com sua comercialização.

Por essa época, o futebol já se consolidava e conquistava um público crescente. A prática inicialmente restrita às classes médias e altas atingia os bairros populares e fazia parte do cotidiano de número considerável de habitantes. Não é por acaso que a partir de meados da década de 1910 observa-se a criação de colunas fixas nos jornais dedicadas à cobertura esportiva. Com o desenvolvimento do jornalismo esportivo, novos recursos eram utilizados para comunicar aos leitores as informações acerca dos jogos. Exemplo disso são as estratégias gráficas para a publicação das escalações dos times. Em 1904, *A Folha Pequena* publicou este anúncio de um treinamento do Sport Club:

Os primeiros ficaram assim constituídos:

- Dr. Americano's XI – Gonçalves (goal-keeper), Jepherson e Roque (backs), major Serpa, Avelino e Fabiano (half backs), Brazil, Jordão, dr. Americano, Antonino e Claudionor (forwards). Reservas: Raul e Saturnino.
- Mr. Victor Serpa's XI – De Jaegher (goal-keeper), Liebmman e Almeida (backs), Sales, Abel e Chagas (half-backs), Fr. Mascarenhas, Thomé, Norris, Viserpa e Viriatho (forwards). Reserva: Baptista.

(Folha Pequena. Belo Horizonte, 24 set. 1904, p. 1.)

Já em 1911, os times do América do Rio de Janeiro e do Yale foram apresentados da seguinte forma:

Pouco antes de duas horas, o “referee”, sr. Antonio Peres, do America, dá o signal de posição, apresentando-se os dois “Clubs” com os seguintes “teams”:

- America – Marcos, Belfort, Mottinha, Mendonça, Jonathas, Carneiro, Horacio, Peres, Elias, Gabriel, Sebastião.
- Yale – José Ferreira, Gumercindo, Romulo, Dopper, Netto, Pedro, Dante, Kent, Abdon, Vicente, Leopoldo.

(Match de Foot-ball. Estado de Minas. Belo Horizonte, 18 nov. 1911, p. 2.)

Dois anos depois, assim eram anunciadas as equipes do Atlético e do Acadêmico, sendo este último um clube recém-criado pelos estudantes da cidade:

É este o “team” do Athletico:

Gondorcet
Moretzsohn-Camardel
Sigaud-Dopper-Saleziano
Morgan-Arthur-Meirelles-Djalma-Britto

“Team” Academico:

Ramiro
Lincoln-Gusmão
Machado-Octavio-Giordano
Jorge-Mattos-Jair-Gusmão-Zeca”

(Festas e Diversões. Minas Geraes. Belo Horizonte, 30 mar. 1913, p. 13.)

De um formato que apresentava nominalmente as posições ocupadas pelos jogadores a uma representação de sua distribuição em campo no tradicional esquema 2-3-5, a publicação das escalações evidencia tanto o desenvolvimento de novas linguagens pelo jornalismo esportivo quanto a maior familiaridade do público leitor com alguns elementos da prática do futebol.

A consolidação do esporte na cidade era indicada inclusive pelo início da constituição de um jornalismo especializado no tema, apesar de que, em meados da década de 1910, ainda havia limites na formação de um mercado leitor e consumidor do futebol, como bem evidencia o caso da criação de dois jornais dedicados exclusivamente ao assunto. *O Foot-ball* e *O Treno* foram duas folhas editadas entre 1917 e 1918. Totalmente voltadas para o esporte, representaram um avanço na conformação de uma imprensa especializada em Belo Horizonte. Fazendo ampla cobertura das atividades atléticas, com ênfase no futebol, e apresentando textos de opinião acerca do desenvolvimento desse ramo do lazer na capital

mineira, constituem rica fonte de informações acerca daquele momento da prática esportiva na cidade. Contudo, ambas as publicações, apesar dos esforços de seus editores, tiveram vida curta, não ultrapassando os cinco primeiros números.

Outro segmento que começava a se desenvolver na cidade era o foto-jornalismo. Com o advento das revistas ilustradas, a inserção de imagens de jogos, dos atletas e da assistência tornou-se recorrente. Mais voltadas para as leitoras, essas publicações contribuíram com uma maior percepção das partidas como eventos sociais. O público assistente, que quase não era citado nas páginas dos jornais, ganhava destaque nos instantâneos apresentados por esses outros periódicos.

Ao lado da assistência, um novo personagem ganhava espaço nas páginas dos jornais: o torcedor. O surgimento dessa figura evidencia importantes processos de transformação do futebol e da imprensa em Belo Horizonte. Fruto a um só tempo de uma popularização do esporte e de uma ampliação da cobertura jornalística, a figura do aficionado, do apaixonado por uma agremiação, lança luzes sobre conflitos que permeavam o universo esportivo local. A figura do torcedor geralmente era abordada de forma negativa pela crônica na passagem da década de 1910 para a de 1920. Como evidencia a nota publicada no primeiro jornal esportivo da cidade, *O Foot-ball*:

Como fonte de quasi todos os disturbios nos “matches” de “football”, temos, infelizmente, a assistencia apaixonada, isto é, o infalivel e inevitavel grupo dos torcedores “enragés” que, pondo de parte todas as conveniencias sociaes, mostra, abertamente, a sua pouca educação, já arvorando-se em juizes, dando os seus pareceres, quase sempre descabidos e parciaes, já manifestando o seu aborrecimento nos lances e investidas contrarias ao seu partido.

(Aos torcedores inconvenientes. *O Foot-ball*. Belo Horizonte, 21 set. 1917, p. 2.)

Muitas vezes associados a membros das classes populares, os torcedores eram identificados como elementos que interferiam na ética amadora e aristocrática que marcou o futebol em seus primeiros anos. Nas páginas dos jornais e das revistas, não faltam exemplos de críticas à postura dos aficionados pelos clubes dos bairros operários, cujas partidas, por diversas vezes, teriam terminado em meio a brigas e a xingamentos. Defensores de um projeto de modernidade excludente, os primeiros esportistas e cronistas evidenciavam os conflitos que permeavam o processo de popularização do futebol.

Como apontam as publicações de notícias acerca da prática esportiva em diversas partes do Brasil e do mundo, no início do século XX, observava-se grande circulação de informação de maneira quase instantânea. Nessa medida, é possível perceber que havia intenso intercâmbio entre a crônica esportiva local em formação e seus congêneres em outras partes do país. Nessa perspectiva, muitas das inovações em termos de soluções gráficas, temáticas e formas de abordagem do tema eram apropriações de

estilos desenvolvidos em centros com produção mais intensa, a exemplo do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Como parte de um processo de consolidação do futebol em Belo Horizonte e da constituição de um “campo esportivo” na cidade, observa-se em fins da década de 1910 a fundação de uma Associação dos Cronistas Sportivos que, segundo seu estatuto, tinha por fim “cooperar para a diffusão e engrandecimento do desporto, estimular a sua pratica por todos os meios ao seu alcance.” (Alheia. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 31 jul. 1921, p. 6.). Nessa perspectiva, observa-se que o grupo, para além do reconhecimento de uma área do jornalismo que se estruturava, teve participação direta na promoção do futebol na cidade, com a criação de torneios e a organização de jogos.

Nas primeiras décadas do século XX, a imprensa escrita representava o principal veículo de circulação de informação. Contudo, em uma sociedade com pequena parcela de cidadãos letrados, seu alcance era limitado, ainda que seus conteúdos fossem replicados em leituras públicas e em conversas informais. Igualmente pouco acessíveis eram os debates acerca dos sentidos originalmente atribuídos ao plano da nova capital de Minas e ao futebol. Frutos de projetos pautados pelas classes médias e altas, os discursos acerca da necessidade de modernização dos costumes na cidade planejada e dos benefícios do esporte encontraram pouca ressonância entre os habitantes de Belo Horizonte.

Foi a partir desse referencial inicial que o jornalismo e a crônica esportiva local se constituíram. Alinhados a um projeto de modernidade excludente, rapidamente foram confrontados pela realidade que se consolidava: a da apropriação popular do futebol e da construção de novas demandas em torno das práticas atléticas, pensadas muito mais como divertimento público do que como meio de distinção e conformação dos corpos e do caráter.

Ao longo dos anos, essa nova agenda teve de ser incorporada. A crônica esportiva adotou outras linguagens, produzindo narrativas capazes de expressar mais adequadamente os conteúdos dramáticos que envolvem o jogo. O advento do rádio permitiu a inserção mais efetiva do jornalismo em meio a uma população não-letrada. As transformações que se iniciaram no campo de jogo não puderam ser ignoradas e ganharam as páginas dos jornais e as ondas do rádio. O futebol e a imprensa esportiva já não eram mais os mesmos.

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO

é mestre em História Social pela UFMG, dedicado ao estudo do futebol de Belo Horizonte entre as décadas de 1900 e 1920.

Personagens do futebol mineiro

QUANDO A BIOGRAFIA AJUDA A CONTAR A HISTÓRIA DO FUTEBOL

THIAGO CARLOS COSTA

É lugar comum dizer que no Brasil o futebol é assunto presente em grande parte dos mais diversos ambientes sociais, não se restringido apenas aos locais de prática esportiva. Em meados dos anos 1990 eu era apenas mais um garoto entre milhares que sonhava em ser jogador de futebol, mas, como um bom perna-de-pau que sempre fui, não tinha espaço no campo. Assim, comecei a conter minha frustração e a me resignar com o papel de torcedor e paralelamente iniciei minha coleta de tudo a respeito do tema. Fui adquirindo camisas, ingressos, jornais, revistas, times de botões, álbuns de figurinhas, autógrafos de personagens do futebol, *souvenires* e outros itens do gênero.

Certa vez, no ano de 1995, ocasião do retorno do Botafogo à sua famosa sede na Rua General Severiano, da qual fui vizinho por bons doze anos, durante a festa de reinauguração me deparei com um senhor amparado por uma bengala e com certa dificuldade em andar, mas com o corpo íngreme, mesmo com a idade avançada, e cercado de pessoas que o olhavam como se vissem um santo. Perguntei ao meu pai quem era o “velhinho” tão festejado. Ele me respondeu, simplesmente, Valdir Pereira, melhor falando, era o genial meio-campista Didi, o homem da folha seca, craque de Botafogo, Real Madri e Seleção Brasileira nas décadas de 1950 e 1960. Pois é, eu estava ali ao lado dessa lenda e mal sabia quem ele era. Minutos antes eu já me dava por satisfeito por ter reconhecido Nilton Santos, a Enciclopédia do Futebol, mas todos em volta continuavam embasbacados, olhando para o “velinho” elegante em um terno alinhado, Didi. E eu amargurado com a minha falha em não o reconhecer. Como aficionado pelo jogo de futebol e sua história, não me perdoava pelo lapso da memória visual.

Na época, em minha incipiente coleção, já possuía uma edição da revista *Placar* de setembro de 1991, *Quem é Quem no futebol: de A a Z, as fichas completas dos 765 principais jogadores de todos os tempos*. Com uma década e meia de vida, já acreditava ter uma memória do futebol. Vem o tempo, passa a infância e a adolescência, e você precisa arrumar alguma

coisa para sobreviver. Assim, posso dizer que minha formação acadêmica e profissional na área da história, linguagem e memória se deve ao gosto que desenvolvi pela observação e pesquisa do futebol naqueles tempos.

Por enquanto falei de uma memória vivida no Rio de Janeiro, com personagens do futebol carioca, mas minha paixão sempre foi o Galo. De longe na capital dos cariocas, eu tinha meu coração e meus olhos no alvinegro das alterosas. No início dos anos 2000, residindo novamente em Belo Horizonte, pude definitivamente acompanhar o Galo e me debruçar sobre a vasta memória do futebol mineiro. O tema deste texto, então, é a memória do futebol mineiro que construí a partir dessa obsessão em guardar tudo que contasse a história e as atualidades do Clube Atlético Mineiro e, claro, de tabela o futebol de Minas Gerais. Desculpo-me antecipadamente por qualquer equívoco sobre os personagens e fatos da história do futebol mineiro, pois como já disseram um dia, “a memória é falha”.

Nas últimas décadas, como bem lembra o professor alemão Andreas Huyssen, em seu livro *Seduzidos pela memória*,¹ presenciamos um fenômeno político e cultural nas sociedades ocidentais, com uma preocupação nunca antes vista em torno da preservação e valorização da memória. Este novo status da memória no Ocidente, surgido entre meados dos anos de 1980 e 1990, caracterizou-se por uma avalanche de filmes e documentários sobre os chamados “grandes” homens e acontecimentos históricos como guerras, revoluções e outros, além da produção de programas para a televisão. Observou-se uma busca frenética por biografias de ícones da cultura pop e da política, somando-se a essa lógica o efêmero mundo da moda, que vive em uma constante onda *retrô* para encorpar suas tendências. Ainda hoje vivemos sob os reflexos dessa “sedução” pela memória, iniciada duas décadas atrás. Mas atualmente essa busca pela memória foi em parte absorvida pelo questionável mercado cultural como mais um de seus produtos. Nesse clima *retrô*, vivido nos últimos anos particularmente no Brasil, presenciamos sucessos editoriais de biografias de personalidades da política e celebridades da televisão e do entretenimento, que

em alguns casos se desdobraram em curtas e longas metragens para o cinema.

Na mesma linha surgiram trabalhos de reconstituição biográfica, jornalística e memorialística de outro tipo de personagens do cotidiano: os protagonistas do futebol, representados por atletas, técnicos, dirigentes, torcedores, estádios, campos de várzeas, cronistas, jornalistas, árbitros e outras pessoas ou espaços envolvidos no dia a dia do futebol brasileiro. Como estamos inseridos nessa busca pela preservação da memória, muito preocupada com o passado no tempo presente e com o auxílio da chamada “era da informação”, os personagens do futebol são figuras recorrentes nas estantes das livrarias físicas e virtuais, com publicações de suas biografias e autobiografias e outros trabalhos do gênero. Há, também, outro tipo de trabalho interessante que surgiu nos últimos anos, impulsionado pela internet: são os sites e blogs com o tema da memória do futebol, criados por jornalistas, pesquisadores e demais interessados no assunto. São trabalhos interessantes que se desdobram em pequenos dicionários e enciclopédias virtuais, com títulos interessantes como *Que fim levou...* e *Por onde anda...*, por exemplo. Recentemente uma emissora de rádio em Belo Horizonte lançou um programa chamado *Grandes momentos do futebol*, que dura em torno de 30 segundos e narra fatos e curiosidades do futebol internacional, brasileiro e mineiro.

Vale lembrar o surgimento dos museus e memoriais de clubes de futebol lançados por times europeus e argentinos e que, mesmo que de modo incipiente, começaram a inspirar os clubes brasileiros, muitas vezes motivados pelo sucesso financeiro. Esses espaços privilegiam o trabalho de pesquisa, registro e divulgação das histórias institucionais e de seus protagonistas, e hoje colhem frutos com torcedores e turistas, vistos como consumidores da memória no mercado cultural. Em tempos de Copa do Mundo, presenciamos uma avalanche editorial de títulos como *Almanaques das Copas*, além dos famosos *Os 10 mais isso* ou *Os maiores e melhores disso ou daquilo em todos os tempos*. Por vezes, mesmo que com sérias ressalvas, concordo com Eduardo Galeano em *O futebol ao sol e à sombra*, quando ele afirma que o futebol perdeu a graça quando virou um bom negócio. Em certos momentos, a memória sob o prisma do mercado cultural funciona com a lógica dos que podem ganhar um bom dinheiro com a onda do saudosismo, com práticas e objetivos bem questionáveis.

Muito do que é produzido sobre a história e a memória do futebol no Brasil, tanto nas universidades quanto na imprensa, está vinculado ao que é vivenciado no futebol paulista e carioca, deixando em segundo plano o futebol mineiro, gaúcho e de outros estados. Relativamente, ainda são poucos os trabalhos desse tipo. Não que isso desmereça trabalhos brilhantes como o de Ruy Castro sobre Garrincha² e o de Marcos Eduardo Neves sobre Heleno de Freitas,³ que rendeu um belo filme dirigido por José Henrique Fonseca e estrelado por Rodrigo Santoro.

Para contrabalançar um pouco, podemos abordar algumas publicações temáticas e biografias produzidas sobre os personagens do futebol mineiro e levantar alguns nomes e histórias que podem render boas edições no futuro para os interessados no tema. Em uma breve pesquisa em estantes e sites de bibliotecas e livrarias físicas e virtuais, é possível encontrar

algumas pérolas e ver a enorme lacuna que se abre diante de nós sobre o tema. Na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa encontram-se alguns títulos como: *No tempo do Independência: Ubaldo Miranda, o futebol mineiro nos anos 50, na trajetória de um grande ídolo*, de Ailton Guimarães; *Reinaldo do Atlético Mineiro*, de Luiz Carlos Lisboa e Reinaldo; *Dadá Maravilha*, de Lúcio Flávio Machado; *Lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*, de Tostão; *O livro de Tostão*, de Canô Simões Coelho; *Os donos da bola: ou histórias e lendas do futebol em Belo Horizonte*, de Brenda Silveira; *Guaracy Januzzi: a cabeçada fatal*, de A. T. Henriques.⁴ Lembrando que estão disponíveis para o grande público em Belo Horizonte de modo gratuito. Sobre a história de clubes e do futebol mineiro encontramos alguns títulos feitos de modo tímido e pontual para determinadas datas comemorativas.

Recentemente vêm sendo realizadas em Belo Horizonte ótimas pesquisas acadêmicas sobre a origem e os primeiros anos do futebol mineiro. Mas onde estão os jornalistas, escritores e cronistas que não escrevem sobre a memória dos personagens do futebol mineiro? Pois, na maioria dos casos, o que encontramos atualmente disponibilizado na internet sobre a memória dos personagens do futebol mineiro são, com todo respeito, notas de rodapé e fragmentos de curiosidades. Assim, o que pretendo aqui é levantar algumas possibilidades e lacunas que podem render bons trabalhos de pesquisa.

Começo com a fase que antecede a profissionalização do futebol no Brasil, em 1933: por exemplo, a trajetória do trio maldito do Atlético composto Mário de Castro, Jairo e Said; ou Niginho, o craque do antigo Palestra Itália; além do decacampeonato do América e seu artilheiro Satyro Taboada, só para iniciar o debate. Pode-se abordar as primeiras pelijas nos primeiros campos de futebol de Belo Horizonte até a construção do Estádio Independência. Os campeonatos mineiros antes da construção do Mineirão são interessantíssimos, na riqueza de personagens e de casos narrados e registrados de modo fragmentado.

Avançando um pouco no tempo, entre 1933 e 1943, o valente Villa Nova de Nova Lima venceu consecutivamente os campeonatos dos três primeiros anos, com times fantásticos, e o time do Siderúrgica de Sabará foi campeão mineiro em 1937, em cima do Villa, sendo ainda vice em outras três oportunidades nessa década. Destacam-se alguns dos artilheiros do campeonato nesses anos, como Canhoto, Mergulho e Alfredo Bernardino pelo Villa Nova e Arlindo pelo Siderúrgica.

Nessa época surgiu um fenômeno no futebol mineiro chamado Guaracy Januzzi, conhecido melhor por Guará e também como Perigo Loiro, que entre os anos de 1933 e 1939 anotou 168 gols pelo Atlético e se tornou o jogador mais valorizado do futebol mineiro em sua época e o primeiro com *status* de craque. Mas sua trajetória no futebol praticamente se encerrou no momento em que sofreu um traumatismo craniano durante uma partida entre Atlético e Palestra em 04 de julho de 1939, pelo Campeonato Mineiro e, depois de dias em coma e de uma longa batalha pela vida, retornou aos gramados, mas nunca mais foi mesmo. No prefácio de sua biografia, *A cabeçada fatal*, Ary Barroso conclui: “a fama teve inveja de Guará”.

Apenas para refrescar a memória, entre a disputa dos primeiros certames locais, passando pela profissionalização do futebol, pela criação

do Estádio Independência e parando na abertura do Mineirão, podem ser citados personagens de destaque e épicas batalhas disputadas nos pequenos estádios espalhados por Belo Horizonte e pelas cidades do interior, com cenas e desfechos inusitados. Jogadores como Lucas, Nívio, Nicola, Tomazinho, Zé do Monte, Kafunga, Carlyle, Ubaldo, Vavá, Miltinho, Abelardo, Ninão, Bengala, Nininho, Piorra, dentre outros. Sem saudosismo nenhum, pode-se até afirmar que o futebol do interior era mais forte, com clubes como Villa Nova, Siderúrgica, Tupi, Uberaba, Uberlândia, Montes Claros e Metalusina. Em Belo Horizonte, times como América, Atlético e Cruzeiro consolidaram-se como forças hegemônicas, mas nessa época os mesmos rivalizavam de igual para igual com os times do Sete de Setembro, Renascença, Palmeiras e Sport, por exemplo.

Quantas memórias desse período estão arquivadas em porões e gavetas do tempo, pedindo por um trabalho de pesquisa, preservação e divulgação? Gostaria de destacar dois nomes esquecidos pelo grande público e que podem render boas histórias: Paulinho Valentim e Cidinho Bola Nossa. Paulo Valentim foi um ótimo centroavante, nascido em Barra do Piraí, no Rio de Janeiro, mas que se destacou inicialmente no Atlético, de 1954 até 1956, ano em que se transferiu para o Botafogo de Garrincha e Didi, onde obteve projeção nacional e internacional, para se tornar, no início da década de 1960, um dos ídolos do Boca Juniors. Nos anos em que atuou em Belo Horizonte, junto com sua qualidade técnica, ficou marcado também por sua atuação na vida boemia mineira. Alguns sugerem, inclusive, que sua vida desregrada encurtou sua brilhante carreira no futebol e, de tabela, suas finanças. Corre a lenda que, ainda em Belo Horizonte, Valentim se casou com a famosa Hilda Furacão, a tal moça que inspirou o famoso romance escrito por Roberto Drummond.

Alcebiades de Magalhães Dias, o popular “Cidinho Bola Nossa”, foi um arbitro que atuou no futebol mineiro entre os anos de 1940 e 1950. Reza a lenda que a alcunha de “Bola Nossa” surgiu em um jogo disputado entre Atlético e Botafogo em 1949, no Independência. No momento em que houve uma indefinição sobre de quem seria a bola que tinha saído para a lateral, eis que Afonso, jogador do Atlético, pegou a bola e, ainda hesitante, ouviu de Cidinho: “Bola nossa! É nossa, Afonso, é bola nossa.” Isso na frente de jornalistas e torcedores. Depois desse dia, Alcebiades passou a vida negando que havia dito isso, mas o episódio ficou para a memória do futebol mineiro.

Com a inauguração do Estádio do Mineirão, em 1965, o futebol mineiro começou a ganhar mais espaço nos cenários nacional e internacional, dando origem a outros personagens interessantes. O Cruzeiro de Tostão, Dirceu Lopes, Piazza, Evaldo, Natal e Raul, e mais tarde Nelinho e Joãozinho, se impôs como uma potência esportiva local com conquistas importantes por quase uma década inteira. Mas apenas Tostão é biografado. E seus companheiros, membros de uma geração brilhante, onde ficaram suas memórias?

Outra figura folclórica, que atuou como treinador entre os anos de 1950 e 1970 no futebol mineiro, atende pela alcunha de Yustrich. Dorival Knipel, ex-goleiro de times do Rio de Janeiro, se consagrou no futebol de Minas Gerais como um dos grandes (literalmente, com seus 1,90 m de

altura) e folclóricos treinadores de futebol do Brasil. Sua conduta nada ortodoxa rendeu brigas com times, treinadores, dirigentes, imprensa, torcedores e quem mais lhe tirasse a paciência. Essa qualidade era incompatível com cargo de treinador, sendo esta uma das razões que limitaram sua carreira e o levaram a morrer no total anonimato em 1990. Mas Yustrich também merece um trabalho em torno de sua memória.

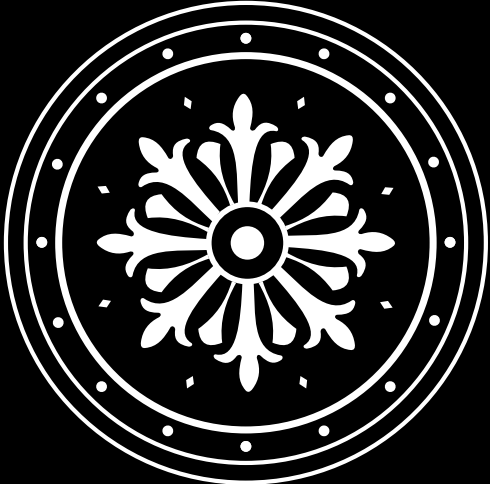
O Estádio do Mineirão também foi cenário de algumas das mais brilhantes gerações do Atlético, a começar da que foi composta pelo time de Telê Santana, com Dario, Humberto Ramos, Oldair, Grapete, Humberto Monteiro e outros membros da equipe que venceu o primeiro Campeonato Brasileiro, disputado em 1971. Outro time épico do Galo foi composto por Reinaldo, Cerezo, Paulo Isidoro, Éder, Luizinho, João Leite e Cia. Esse time marcou época entre a segunda metade da década de 1970 e início dos anos de 1980. Para pará-lo, ou era na base da pancada ou na do “apito amigo”. Mas novamente encontramos apenas publicações sobre Reinaldo. E as trajetórias brilhantes de Cerezo e Éder, por exemplo, que ajudaram a acirrar mais ainda a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro. Apenas um parêntese para citar a figura do goleiro argentino Ortiz, que entre os anos de 1976 e 1977 marcou época no Galo, com seu estilo de jogo moderno, com habilidade com os pés, cobrando penalidades e faltas, sem contar seu visual excêntrico, com bermudas e camisas coloridas e uma fita apache na cabeça amarrando os cabelos loiros. Deixou o Atlético em 1977, depois de uma polêmica final com o Cruzeiro, onde foi acusado de ter entregado o título por dinheiro. Segundo as informações pesquisadas, morreu em 1995, no Uruguai, em decorrência de uma cirrose.

Nos anos de 1980 e 1990, o futebol mineiro produziu ótimos jogadores como Sergio Araújo, Renato, Tostão II, Paulinho Kiss, Moacir, Ademir, Douglas, Careca, Clebão, Edivaldo e outros que podem render belas publicações. Interessante lembrar que por pouco não houve uma histórica final de Campeonato Brasileiro entre Atlético e Cruzeiro, em 1987, mas ambos foram eliminados nas semifinais, por Flamengo e Internacional respectivamente.

Vale a pena lançar um olhar aguçado para o passado do futebol mineiro, valorizá-lo e registrá-lo, de modo a difundir e preservar as memórias desses personagens que, com suas trajetórias, ajudam a contar a história do futebol em Minas Gerais. Uma história que hoje em dia está deixada num ostracismo quase total. Pois guardar documentos, fotografias, jornais, camisas, bolas e outros itens em gavetas, armários, estantes e até cofres é uma coisa; outra é tornar esses acervos domínio público e colocar esse baú de histórias na praça, para não correremos o risco dessas memórias morrerem conosco.

- 1 HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano: UCAM, 2004.
- 2 CASTRO, Ruy. Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha. 12 reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- 3 NEVES, Marcos Eduardo. Nunca houve um homem como Heleno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- 4 HENRIQUES, A. T. Guaraci Januzzi: a cabeçada fatal (vida de glórias e sacrifícios). Belo Horizonte: 1968.

BEL



H O R I Z O N T E

E OS TEMPOS ROMÂNTICOS DO FUTEBOL

EUCLIDES GUIMARÃES

A modernidade e o registro da história

Há duas histórias, a vivida e a contada. A primeira, pulsante e presente, é escrita a cada dia por atos e fatos; a segunda, remissiva ao passado, é formada por relatos. São demandas da primeira que justificam a necessidade de empreender a segunda, pois são processos advindos do passado que incidem sobre o presente para que ele esteja como está. O passado se faz presente como um conjunto de registros e lembranças que se arranjam invariavelmente em função da relevância atribuída aos acontecimentos, seja na ocasião mesma de sua realização, seja no que se percebe *a posteriori* quando se lhes toma como objeto de reflexão.

No cotidiano de uma cidade acontecem muitas coisas ao mesmo tempo, mas há sempre os fatos que se mostram dignos de ser notícia. A relevância atribuída aos fatos que viram notícia proporciona então dois efeitos: o imediato, pelo qual a pauta jornalística (pre)ocupa as pessoas virando assunto; e o historiográfico, pelo qual se cristalizam registros, que são carimbos mnemônicos, frestas do passado que se projetam no futuro. Nesse último se inclui o que podemos aprender sobre a mentalidade de um tempo e o papel da mídia nisso.

A Copa de 1950 foi, como se pode imaginar, um decisivo divisor de águas em nossa história, a começar pela disseminação da sensação de

ser o “país do futebol” como uma das principais referências que os novos tempos trariam à autoimagem do brasileiro. A história contada é sempre um reflexo da história vivida, mas na modernidade também a recíproca passou a ter seu peso, na medida em que, por exemplo, a divulgação de que o Brasil é bom de bola contribuiu sobremaneira para que a prática do esporte também se disseminasse por todo o território nacional. Desde 1938, ano em que o Brasil brilhou pela primeira vez em uma Copa e isso foi amplamente divulgado por jornais e radiodifusoras, vem ocorrendo uma proliferação de campinhos, agremiações e escolinhas que fazem brotar novos talentos, além de alimentar o amor do brasileiro pelo futebol. Ser o país do futebol então faz parte da simbologia que o Brasil construiu para si mesmo mediante um discurso fundamentalmente midiático.

Em Belo Horizonte o Estádio Independência foi o grande palco e testemunha desse processo histórico. Antes dele já havia algum barulho em torno do esporte das multidões, mas ainda não havia as multidões no esporte. Sua popularização não se dá apenas em função de passar a existir uma arena digna de reunir milhares de pessoas, mas também em razão de ser a multidão, ela própria, uma notícia. Falando de outro modo, o interesse pelo futebol pôde se alimentar do próprio interesse pelo futebol. Levando muita gente ao campo, o futebol tornou-se também um grande

interesse midiático, ampliando virtualmente o público aos leitores e aos ouvintes e, com isso, o presencial alimenta o virtual e é alimentado por ele. Campo cheio é notícia e notícia é garantia de campo cheio. Para além do campo, as cabeças se ocupam de futebol e o noticiário torna-se extensivo a uma série de fatores extracampo, capazes de, não sem muita redundância e o eterno perigo da falta de assunto, fazer brotar notícias o tempo todo. A preparação dos jogadores, seus relacionamentos internos e externos, as manobras dos cartolas, o departamento médico, as vendas e contratações, os humores e as estratégias estão sempre na pauta jornalística como matéria para um infindável debate que ocupa páginas e horas nos noticiários.

O lugar do esporte na modernidade

Nos anos 1950 respiravam-se os ares da modernização generalizada do pós-guerra. O avanço internacional da indústria fordista inundava o cotidiano com novos produtos como os eletrodomésticos, os automóveis e os utensílios embalados que deixavam aos poucos de ser comprados nos armazéns e passavam a ser comprados nos supermercados. Os veículos de comunicação também ganham novas versões, revistas cada vez mais ilustradas e coloridas, jornais rediagramados de forma a proporcionar leitura mais dinâmica e atraente e as bancas de revista sempre decoradas com cartazes alusivos aos novos ídolos da música ou do cinema, aos quais se acrescentam os super-heróis dos quadrinhos com a árdua missão de salvar a humanidade – leia-se nova sociedade de consumo – e “salvaguardar a paz”. Ao lado das placas, *outdoors* e paredes estampadas, passam a compor a paisagem da cidade essas cabanas informacionais que exibem as sofisticadas capas das publicações.

Cheias de imagens, lojas, automóveis e gente nas ruas, as metrópoles do pós-guerra formam cenários inéditos de profusão de informações. Com isso um novo estilo de vida, supostamente mais arrojado e cosmopolita, vai se espalhando pelo mundo e trazendo novos valores, como a importância de estar informado, andar na moda, almejar lazeres como viagens de veraneio em praias, o automóvel na garagem, as novas festas do consumo e da prosperidade, o natal de mil presentes e o *réveillon*.

Importante observar que esse auge da modernidade foi também o auge do tempo das nações. As guerras certamente servem como ilustração: entre os séculos XIX e XX elas se tornam conflitos gigantescos de proporções planetárias, sempre em defesa ou ataque às soberanias nacionais e sempre pautadas por conflitos envolvendo grandes alianças internacionais. Ainda que sem apagar as culturas regionais que cada povo traz, muitas vezes de tempos distantes, as instituições estatais podiam abarcar várias regionalidades e para tal se valiam do discurso unificador das mídias, o rádio em especial. Culturas e categorias sociais diferentes, grupos de interesse, não raro até conflitantes, só podiam ser

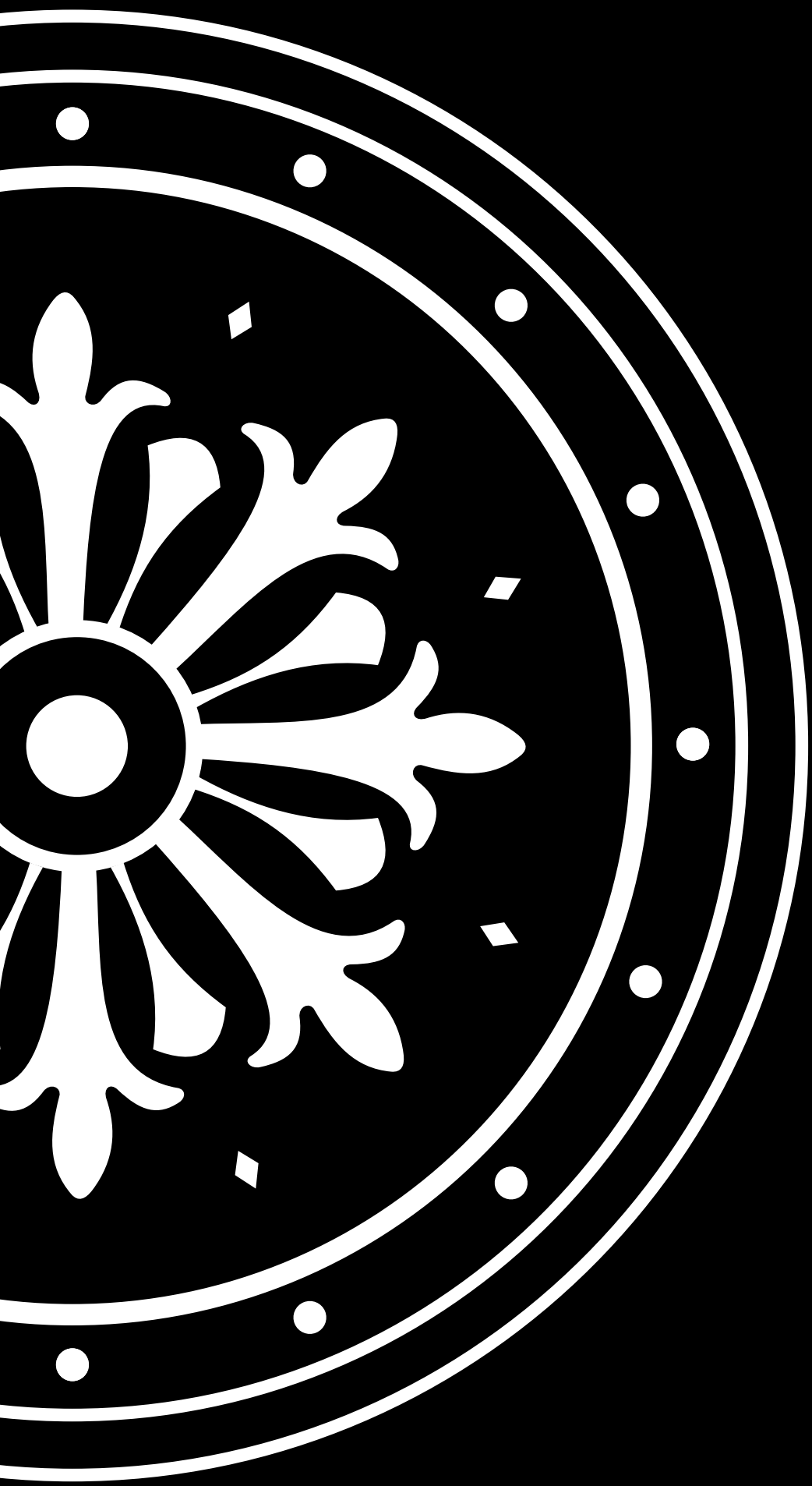
aglutinados em torno de inflamadas causas supostamente comuns e, para isso, algo que se disseminou foram discursos unificadores repletos de emoção belicista, a eleição de inimigos comuns, como foram os judeus para os alemães, ou os comunistas segundo as versões veiculadas aos povos do terceiro mundo, inclusive o Brasil.

Tudo isso acabou por ressignificar o esporte como um modo civilizado de fazer a mais bárbara das atividades, a guerra. Desde a retomada de uma tradição grega inventada na antiguidade com propósitos semelhantes, intitulada “Olimpíada”, os esportes ocupam lugar de destaque entre os povos modernos como fixadores de identidades ou estabilizadores de animosidades e, com isso, instrumento da transformação das diferenças em algo gentil e regrado, educador do corpo e da mente, *locus* das mais saudáveis formas de cooperação e competição. Entre os esportes coletivos, que trazem consigo a invariável alusão aos campos de batalha, nenhum se mostrou mais eficiente que o futebol no sentido de amalgamar os elementos que fazem do esporte um civilizado congelamento da guerra.

As razões da popularidade do futebol são controversas, muitos já ariscaram explicar essa química e pode ser que todos tenham alguma razão porque, seguramente, há um conglomerado de motivos. Alguns fatores merecem destaque: a extensão do campo facilita as aglomerações de observadores, bem como a necessidade de estratégias de defesa e ataque com grande diversidade de funções. A dificuldade para se chegar ao gol faz dele um acontecimento radical com um poder inenarrável – ou talvez narrável, como veremos – de despertar fortes emoções. Para o caso de povos pobres como o brasileiro, trata-se de um esporte simples no que tange à infraestrutura para sua realização: campo com tamanhos ou pisos flexíveis, gente disposta em número não necessariamente exato de jogadores, uma bola que pode ser improvisada na falta de uma “oficial”, poucas regras. Somam-se ainda as condições culturais de sua realização e representação, o jogador como herói potencial, capaz de representar sua torcida e trazer a redenção àqueles que, vestindo a mesma camisa, se amalgamam num coletivo afetivo, inflamado, catártico, espetacular.

Essa potencialidade veio ao encontro das tendências comportamentais da Era das Nações. No caso brasileiro, traz uma tradição arquetípica de rivalidades locais que já estava, por exemplo, na política partidária, desde tempos primordiais, alimentada por todos os tipos de contrastes de nossa formação histórica: o tradicional e o moderno, o interior e o litoral, o campo e a cidade, o agrário e o industrial, as classes sociais, os tipos humanos, etnias, imigrações, tudo isso compõe o rico material de deixas culturais que introduziram o futebol no cerne dos processos de identificação pelos quais se formariam as torcidas, as sagas fundadoras de cada agremiação e os significados circundantes que conferem toda a espetacularidade vivenciada no futebol.

Cada time é uma potencialidade para a construção de mitos fundadores, na medida em que a disseminação do futebol no Brasil se deu por uma contaminação socialmente eclética. Preliminarmente confrarias de ricos estrangeiros que, pela necessidade de ampliar o número de adeptos



em função da natureza coletiva do esporte, logo se viu ampliado aos pobres que a eles se juntavam nos campinhos e nas praias, aos operários que se agremiavam nas fábricas, aos peões de obra que encontraram no futebol uma alternativa entre pouquíssimas possibilidades de lazer nos trechos, aos povoados que, principalmente nas periferias das grandes cidades, também criavam seus times e assim por diante. Com a atenção da mídia e a construção dos estádios estavam criadas as condições para que as confrarias mais estruturadas se profissionalizassem, tornando-se os grandes clubes do presente.

Espetacularizar é marca essencial dessa sociedade das imagens que se afirmou no Ocidente a partir do final dos anos quarenta, tornando-se força crescente até nossos dias. Portanto o futebol estava destinado a participar com destaque do compósito de elementos que pautaria o discurso da mídia para se infiltrar nas vidas. Ao pensar sobre a sociedade do espetáculo entre os tempos modernos e os pós-modernos tendemos de imediato a vislumbrar imagens, dada a imensa profusão de informações visuais de que já falamos aqui; no entanto, a voz do rádio talvez possa ilustrar ainda melhor esse processo histórico. Entre o turfe e o futebol desenvolveu-se uma narrativa sensacionalizante com palavreado frenético, tons inflamados, termos impactantes, metáforas e frases de efeito capazes de elevar o ouvinte a um plano quase místico, uma espécie de transe. Assim foi possível gerar comoção coletiva sem que o coletivo estivesse efetivamente reunido na condição de multidão. O termo “meios de comunicação de massa”, hoje menos usado que em outros tempos, traduz a ideia de que a multidão não precisava mais se reunir para funcionar como tal: cada um em sua casa diante do seu aparelho vivendo a situação momentânea e explosiva que, antes, só era possível na presencialidade geral. Eis o efeito que o anúncio de um go(ooooo)! ilustra melhor que qualquer outro ato discursivo.

Tempos românticos da radiodifusão

Belo Horizonte nasceu com propósitos modernizantes. Preliminarmente tratava-se de um sofisticado gesto de estender a modernidade ao interior do Brasil que, até final do século XIX, só conhecia pequenas ilhas de vida moderna nas metrópoles litorâneas. Escolhida para ser erguida em localidade central próxima, mas nem tanto, de qualquer das cidades ditas históricas – porque representavam o passado –, Belo Horizonte exala modernidade desde sua inauguração em 1897. E parece mesmo ter surtido o efeito psicológico de cobrar mudanças no estilo de vida para qualquer um de seus novos habitantes, fossem eles, como a maioria, advindos dos quatro cantos do interior do Estado ou, como consideráveis minorias, oriundas de outras partes do Brasil e do mundo, lembrando que, em proporções menores que outras grandes cidades brasileiras, também nela se fizeram presentes os imigrantes. Morar em BH sugeria

disponibilidade para se adaptar às novidades. Como os atrativos da cidade serviam mais diretamente aos jovens, essa predisposição se via ainda mais reforçada. Contudo, antes da situação internacional criada no contexto que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, toda essa modernidade pareceria tímida se comparada ao que veio depois.

O rádio chegou na cidade no final dos anos 1920, passou por uma forte consolidação nos anos 30, tornou-se bem de primeira necessidade nos tempos da Guerra, noticiando-a em primeira mão, mas alcançou seu máximo poder nos anos 1950, exatamente quando o futebol se disseminou em sua popularidade e o Independência tornou-se a arena cotidiana do encontro das multidões. Sendo assim, a Era do Rádio, a consolidação de Belo Horizonte como metrópole, a profissionalização do futebol e sua ascensão à condição de símbolo nacional são fatos que se retroalimentam no mesmo contexto histórico que vai do final dos anos 1940 até início dos 1960.

Um ano antes da Segunda Grande Guerra, mas já sob o efeito de toda a animosidade que a ela levaria, aconteceu a terceira Copa do Mundo, na França, em 1938. Ali brotava a semente do que mais tarde se denominou “futebol arte”, nos pés de homens como Domingos da Guia e Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”. Essa Copa foi transmitida pelo rádio. O Brasil ficou em terceiro lugar, derrotado pela Itália na semifinal em jogo do qual Leônidas não participou por estar contundido. Desde então vem sendo gestada na cabeça do brasileiro a sensação de ser filho do “país do futebol”.

É certo que a expansão dessa mentalidade desencadeou um processo de real profissionalização em nosso futebol. Digo “real” porque a assimilação de tudo o que é profissional, organizado e legalizado é historicamente problemática de se instalar no Brasil. Por isso tal processo, mesmo que oficialmente presente desde os anos 1930, foi lento, de forma que somente lá pelos anos 1960 é que, de fato, se consolidou. Nesse ínterim pode-se falar de uma era romântica em que o amor ao time valia mais que o dinheiro e, sob a égide de um semiprofissionalismo, tempos pitorescos se sucederam.

A rua era obrigatória para o lazer do belorizontino entre os anos 1950 e os 1960. Participar dos eventos vivendo intensamente a urbanidade era o que trazia a mais forte sensação coletiva de estar participando de uma nova era. Nos fins de semana os cinemas, os teatros, os auditórios das rádios, os clubes e sindicatos, os palanques em momentos eleitorais, os cabarés e as praças faziam o formigueiro humano que encarnava o espírito da modernidade.

Foi nessa onda que o futebol ganhou sua popularidade e que a rivalidade entre os clubes passou a ser decisiva na construção das identidades pessoais. Cidades que não tinham seus próprios clubes, ou aquelas em que os clubes não conseguiram se projetar no imaginário coletivo, foram angariadas pelo eixo central da informação no país, tendo até hoje clubes do Rio ou de São Paulo como seus preferidos. Nesse sentido é fundamental considerar a importância do Estádio Independência para a independência do torcedor mineiro, porque foi a partir de lá que uma saga própria se construiu.

O Independência, estádio que recentemente (2012) ganhou uma versão modernizada, passando a cumprir novamente um papel importante para os eventos esportivos na cidade, foi inaugurado para a Copa de 1950. Na ocasião ingleses, norte-americanos, uruguaios, bolivianos, iugoslavos e suíços se digladiaram na cidade, já repleta daquelas surpresas que só o futebol pode proporcionar, as zebras e a imprevisibilidade que mais tarde a expressão “caixinha de surpresas”, hoje desgastada pelo uso, consagraria. Vitória do EUA sobre a Inglaterra, goleada de 8 × 0 do Uruguai sobre a Bolívia, mesmo Uruguai que, dias depois, levaria o título vencendo o próprio Brasil em uma das tardes mais tristes de nossa história.

Passada a Copa vieram anos de muito barulho, agito e emoção, anos em que o estádio foi palco de acontecimentos futebolísticos lapidares em um momento lapidar da história da cidade e do país. Enquanto Juscelino alçava-se de político local para se tornar um dos presidentes mais badalados de nossa história, o Independência via emergir grandes equipes e craques, batendo recordes de público em seus eventos. Enquanto Minas se reforçava como centro financeiro do país, ao mesmo tempo em que se ampliava a mineração, a siderurgia e a indústria, e também surgiam novos pólos desenvolvimentistas em outros cantos das Gerais, o Independência via brotar locutores e comentaristas que teriam seus nomes eternamente gravados como coinventores da narrativa esportiva. Enquanto o cinema, com o apogeu hollywoodiano, despejava sobre as ruas da cidade novos costumes, objetos-fetichismo e estrelas intocáveis, o futebol emplacava seus próprios ídolos, sendo que estes normalmente representam seus clubes, mas sempre podem estender-se a representações maiores como a Seleção Brasileira. Na verdade ter um jogador do seu time convocado para a Seleção leva o cidadão a identificar-se mais diretamente e a se sentir também mais bem representado no escrete nacional.

Enquanto novos campeonatos mundiais proporcionavam a consolidação do Brasil como potência singular do futebol, o Independência sediava incríveis disputas como aquelas que envolviam as seleções estaduais, além das primeiras versões do que mais tarde seria o Campeonato Brasileiro, visto que antes eram apenas torneios regionais, isolando os times paulistas e cariocas como forças exclusivas de representação nacional. Nesse sentido, foi na combinação dos eventos locais com o megafone midiático que Minas criou condições para se elevar ao patamar de potência futebolística nacional. E, se isso vem de tempos românticos, tudo o que veio depois pôde se alimentar de uma nostalgia remissiva a toda a gama de acontecimentos vividos entre o fim da guerra e os anos 1960.

Em 1965, quando o Brasil já era bicampeão mundial e as crianças já colecionavam figurinhas dos jogadores, a cidade viveu a inauguração do gigante Mineirão. Daí para a frente, novas ondas viriam, mas isso é outra história.

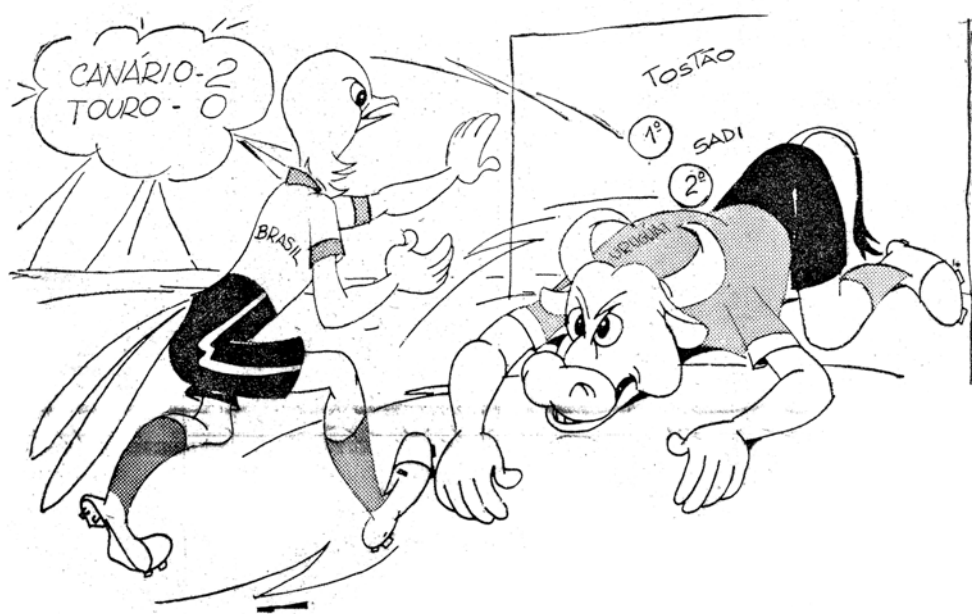
EUCLIDES GUIMARÃES

é sociólogo e professor assistente da PUC-Minas e da FUMEC.

A FAZENDA MODERNISTA DE FERNANDO PIERUCCETTI

“Minha
fazenda
de espaço
é pura
imaginação.”

CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE



MARCELINO RODRIGUES DA SILVA

O campeonato mineiro se passa numa fazenda, onde o Galo e a Raposa disputam eternamente o domínio do terreiro. Como coadjuvantes, participam da luta o Coelho e o Leão, que também já foram protagonistas, a Tartaruga, o Zebu, o Jacaré e uma multidão de outros bichos. Para um estranho, a cena pode parecer uma fantasia sem sentido, mas é bem familiar para o torcedor mineiro, que vai aos jogos na Arena do Jacaré e no estádio do Leão do Bonfim, que acompanha seu time na Toca da Raposa, que diz que é “Galo doido” ou torce junto com os amigos da Avacoelhada, da Galoucura ou da Koelhomania... As mascotes inventadas, na década de 1940, por Mangabeira, pseudônimo de Fernando Pieruccetti, são conhecidas por todos, estão sempre na mídia e fazem parte do cotidiano dos que acompanham o futebol em Minas Gerais. Em alguns casos, como o do Atlético, a identificação é tanta que o uso do bicho, o Galo, como sinônimo do nome clube passa quase despercebido por falantes e ouvintes, redatores e leitores.

Para os jornalistas esportivos e aficionados pelo futebol, a história da criação dos bichos de Mangabeira também não é novidade. Ela é contada rapidamente em alguns livros sobre a história dos clubes¹ e de vez em quando é lembrada em reportagens nos jornais, no rádio, na TV, nos sites e nos blogs. Bem menos conhecida, porém, é a trajetória de seu criador, um ilustrador e artista plástico de destaque na vida cultural belo-horizontina dos anos 1930, e depois professor de desenho, escritor e pesquisador. Vale a pena conhecer um pouco dessa trajetória e explorar algumas das relações que se pode fazer entre o trabalho artístico de Pieruccetti e a produção jornalística do popular Mangabeira.

O ARTISTA ENTRA EM CAMPO

Fernando Pieruccetti nasceu em Belo Horizonte em outubro de 1910.² Estudou desenho no Instituto Dom Bosco de Itajubá e, em meados da década de 1930, conheceu o pintor Genesco Murta, referência importante em sua formação artística. Aos 23 anos, começou na *Folha de Minas* seu trabalho como ilustrador e caricaturista, passando depois por outros jornais, como o *Diário da Tarde*, o *Jornal da Manhã* e o *Estado de Minas*, e por revistas como *Montanhese*, *Belo Horizonte*, *Alterosa* e *Vida de Minas*. Além disso, escreveu histórias infantis e ilustrou obras de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Murilo Rubião e Emílio Moura. Atuou como professor de desenho em várias escolas de Belo Horizonte, formou-se em Filosofia pela UFMG e foi pesquisador da história da educação em Minas Gerais. Faleceu em novembro de 2004.

Nos anos 1930, Pieruccetti fez parte do grupo de artistas que desafiou o academicismo dominante no cenário das artes plásticas de Belo Horizonte, sob a égide de Aníbal Mattos e da Sociedade Mineira de Bellas Artes. Nomes como Delpino Júnior, Julius Kaukal, Érico de Paula, Genesco Murta, Monsã, Jeanne Milde e outros que, levando à frente o trabalho dos pioneiros Pedro Nava e Zina Aita, introduziram na cidade as ideias e as concepções estéticas da arte moderna, que na literatura já tinham alcançado maior êxito, com as iniciativas de Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Emílio Moura e companhia. Em 1936, esse grupo de artistas promoveu o famoso Salão do Bar Brasil, primeira mostra coletiva de arte moderna realizada em Belo Horizonte (antes dela, em 1920, realizou-se a exposição individual de Zina Aita), abrindo caminho para o desenvolvimento das tendências estéticas que inspirariam, no início dos anos 1940, a construção do conjunto arquitetônico da Pampulha.³

Participando do Salão de 1936 com três obras, intituladas *Banquete*, *Miséria* e *Pequenos Jornaleiros*, Pieruccetti ganhou com *Miséria* o primeiro prêmio da categoria Desenho. Compostos em folhas danificadas de papel manilha, os desenhos retratam, com forte carga dramática, a vida dos marginalizados e o lado perverso da cidade moderna, em traços sombrios e monocromáticos de inspiração cubista e expressionista. Em depoimento ao jornalista Walter Sebastião, o artista conta como fez os desenhos e define o espírito de sua criação: “Tudo miséria, assunto de sofrimento. Eu ia nas oficinas da *Folha de Minas* (...) e à noite via aqueles pequenos jornaleiros dormindo perto da caldeira (...). Fiz os desenhos na cozinha, conversando com minha mãe, em papel manilha (...) retalhos de miséria de Belo Horizonte em papel manilha”.

Da trajetória de Pieruccetti em outros campos, é interessante destacar o livro *O hipnotizador de serpentes*, editado pela Coleção Educar, do Ministério da Educação e Cultura (sem data). É uma pequena novela infantil, que conta as peripécias de Bicanca e Tiziu, às voltas com o Dr. Franz Fritz, um alemão que vivia no interior mineiro à cata de cobras para uso médico e científico e tinha fama de ter parte com o diabo e poderes sobre as serpentes. Seguindo a fórmula de Monteiro Lobato, o livro mescla a sedução das aventuras de garotos nas fazendas e vilarejos do interior mineiro, cheios de lendas e causos sobrenaturais, com o

propósito pedagógico de difundir o conhecimento científico, servindo o enigmático alemão como ponte entre os dois universos.

A BICHARADA DE MANGABEIRA

Pieruccetti começou a criar seus bichos em 1945, no jornal *Folha de Minas*, onde ele trabalhava como ilustrador do suplemento literário e da página infantil. A ideia nasceu de um pedido de Álvares da Silva, secretário do jornal, que queria lançar charges parecidas com as que, na mesma época, o *Jornal dos Sports* publicava no Rio de Janeiro (o Flamengo era o Popeye, o Fluminense o Pó-de-arroz, o Vasco o Almirante, o Botafogo o Pato Donald e o América o Diabo). Pieruccetti hesitou, mas acabou respondendo com a proposta de fazer desenhos no espírito das fábulas de Esopo e La Fontaine, utilizando animais da fauna brasileira. No ano seguinte, o artista se mudou para o *Diário da Tarde* e pouco depois para o *Estado de Minas*, onde continuou publicando até o início da década de 1970. Boa parte dos principais bichos foi criada logo de saída, mas muitos vieram depois, entre eles o Canarinho, símbolo da seleção brasileira. Para fins de direitos autorais, foram registrados 71 bichos, mas estima-se que o zoológico de Mangabeira supere a casa das 90 criações.

Para escolher os animais que transformaria em mascotes, o artista se inspirava em elementos que já faziam parte da imagem e da história dos clubes. O Atlético, com sua fama de valente e seu uniforme que lembrava um galo carijó, ficou sendo o Galo; o Cruzeiro, que tinha dirigentes italianos de incomparável esperteza para os negócios, virou



a Raposa; o América começou como Pato, mas depois passou a Coelho, que era o sobrenome de alguns dos seus diretores e combinava com a personalidade “fagueira” do clube; o Villa Nova, de Nova Lima, seria o Leão, pois “fazia os adversários sentirem-se em seu estádio como leões na arena”; o Siderúrgica, criado em Sabará por funcionários da Usina Belgo-Mineira, seria uma tartaruga com a carapaça dura como aço; e assim por diante. Nas charges, apareciam também bichos que não representavam clubes, mas outros personagens do mundo esportivo, como o Rato, que fazia o papel do juiz; a Águia, que era a Federação Mineira; a Coruja, o Tribunal Desportivo; o Jaburu e o Espírito de Porco, simbolizando a torcida.

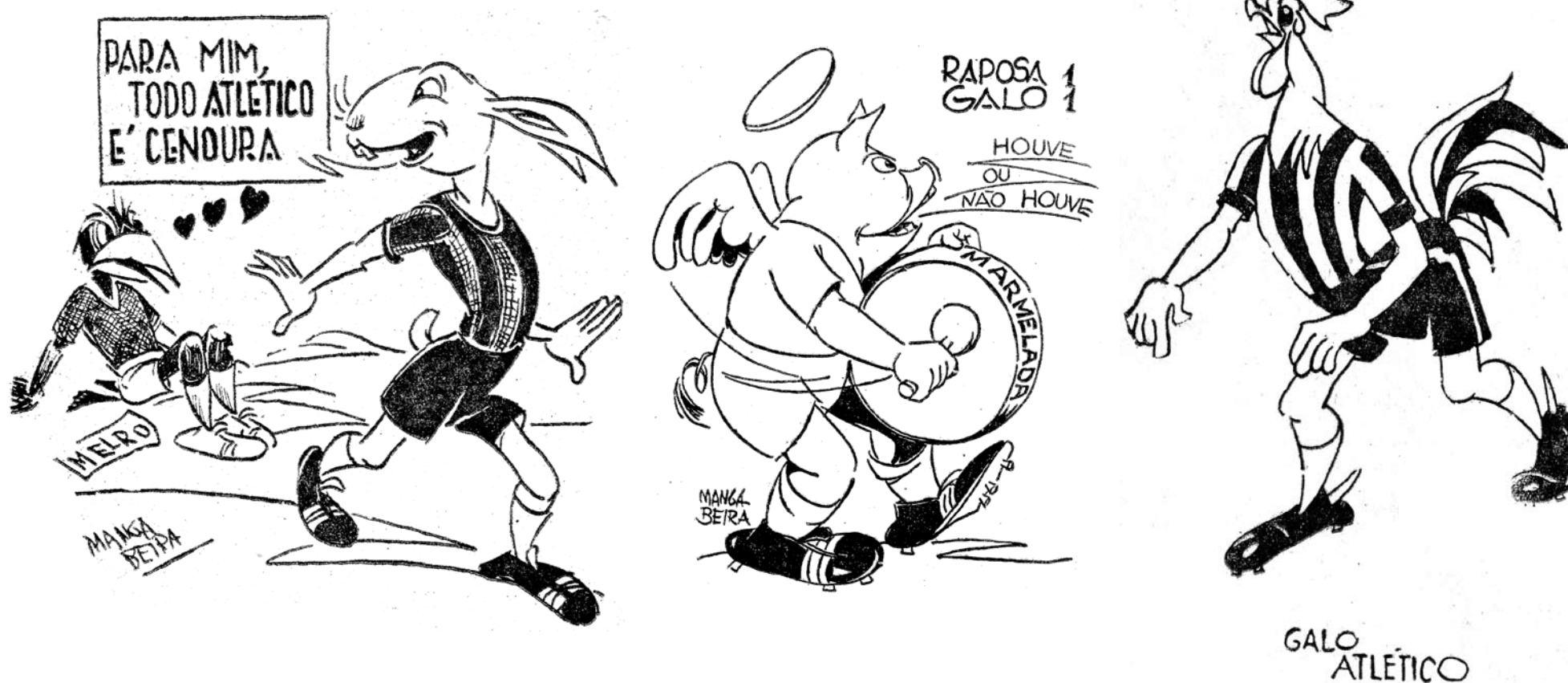
Para comentar os resultados dos jogos e outros acontecimentos da vida esportiva, Mangabeira colocava seus bichos em ação, com um traço simples, mas dinâmico e comunicativo, em que as características das personagens, do cenário e do movimento narrativo eram expressas sinteticamente, com a utilização de poucas linhas. Os bichos apareciam conversando e realizando ações humanas como comer com talheres, cozinhar, ler e dirigir automóveis e as charges costumavam ter apenas um ou dois quadros, abaixo dos quais apareciam legendas com pequenas narrativas ou diálogos sobre a cena representada no desenho. Embora fossem comuns as referências temáticas ao universo dos quadrinhos, geralmente não havia o uso de balões e os quadros não tinham caráter sequencial, funcionando como ilustrações do texto que vinha na legenda e do noticiário esportivo como um todo. O cenário mudava conforme as circunstâncias, mas é nítida a predominância de um ambiente

campestre, sinalizado pela anotação rápida da grama, da árvore e da colina no horizonte, que lembra o universo das fábulas que inspiraram o artista, mas também o mundo rural, com seus bichos domésticos, a casa de fazenda e a tela do galinheiro.

UMA FAZENDA MODERNISTA

Vistas à luz de sua trajetória como artista plástico integrado ao movimento modernista, as charges de Fernando Pieruccetti ganham um colorido diferente e mostram como a nossa cultura esportiva está impregnada pelas ideias, projetos e concepções estéticas que circularam no Brasil, ao longo do século XX. A própria utilização da charge já faz parte de um conjunto de transformações da linguagem e das estratégias editoriais do jornalismo esportivo, ligado à popularização do futebol, com o objetivo de ampliar o público leitor. Nesse processo, o humor e o uso de imagens tiveram papel importante, facilitando o contato com os novos leitores, vindos das classes populares e das cidades do interior. Nas criações de Pieruccetti, a linguagem da charge é atualizada por um traço leve, sintético e inacabado, típico do “pintor da vida moderna”, conforme a conhecida definição de Charles Baudelaire, dialogando tanto com a modernidade das tirinhas e histórias em quadrinhos quanto com as imagens mais convencionais dos livros ilustrados.

Inspirada predominantemente na fauna nacional e nas características dos clubes e de suas torcidas, a escolha dos bichos remete a elementos da cultura local e regional, especialmente o universo rural e



semi-rural do interior mineiro, de onde vinha grande parte desse novo público. É clara, aí, a influência do projeto modernista de constituição de uma identidade autêntica e original, pela recusa da assimilação passiva da cultura estrangeira e pela incorporação de tradições populares e regionais às obras de arte e à produção dos meios de comunicação de massa. A fazenda funciona como espaço de transição entre o campo e a cidade, o antigo e o novo, o tradicional e o moderno, contando para isso com o poder da charge de misturar elementos heterogêneos, vindos desses dois universos. Nas pequenas cenas que representam metaforicamente os acontecimentos esportivos, os valores modernos da competição e da busca pela vitória são convertidos em lições de esperteza mineira, em consonância com o espírito das fábulas que inspiraram o artista, mas também das narrativas orais que transmitem o saber tradicional das comunidades rurais e interioranas.

Já se pode ver, por essa breve descrição, como as charges de Mangabeira são convergentes com um esforço mais amplo, realizado por diferentes agentes culturais ao longo do século XX, no qual estiveram engajados tanto o jornalismo esportivo como o movimento modernista, nas artes e na literatura. Um esforço de mediação e diálogo da arte moderna e dos meios de comunicação com as culturas populares locais e regionais, por meio do qual se buscava criar uma imagem inclusiva da comunidade nacional, alimentando um projeto mais abrangente de modernização da sociedade brasileira. Dirigidas ao grande público da capital e do interior, elas buscavam integrar elementos heterogêneos, provenientes da multiplicidade social e cultural de seus leitores, fundindo-os numa linguagem

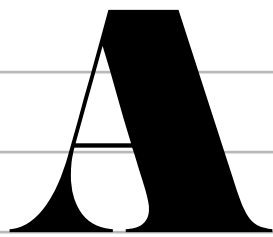
de fácil apelo visual, que servia à difusão do imaginário moderno projetado no esporte. Dessa perspectiva, não só o trabalho de Fernando Pieruccetti, mas boa parte da produção cultural que se desenvolveu em torno do futebol no Brasil pode ser vista como componente de um grande projeto político-cultural, levado à frente por jornalistas, intelectuais, artistas e escritores, com vistas à inserção do Brasil na modernidade.

- 1 Entre os livros sobre os clubes mineiros, os que trazem versões mais completas da história dos bichos são a Enciclopédia do Atlético, de Adelchi Ziller (Ed. Lemi, 1974), e Raça e amor, de Ricardo Galuppo (DBA Artes Gráficas, 2003). Não por acaso, ambos sobre o clube que mais se identifica com a mascote criada por Mangabeira.
- 2 Boa parte das informações sobre a biografia e a trajetória artística de Fernando Pieruccetti foram obtidas em entrevistas com seus filhos, Edmundo e Yedda, e com a professora Ivone Luzia Vieira, especialista na história das artes plásticas em Belo Horizonte. O interesse pelo assunto foi despertado por conversas com o jornalista Walter Sebastião, do Estado de Minas, a quem agradeço também pelas informações e documentos que abriram caminho para a pesquisa que venho realizando sobre o artista.
- 3 Sobre o Salão do Bar Brasil, cf. o artigo "Emergência do Modernismo", de Ivone Luzia Vieira, no livro Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte, organizado por Marília Andrés Ribeiro e Fernando Pedro da Silva (C/Arte/Fundação João Pinheiro, 1997); o livro Por uma história da arte em Belo Horizonte, de Rodrigo Vivas (C/Arte, 2012); e a edição de número 1.084 do Suplemento Literário, de 29 de agosto de 1987.





ELCIO CORNELSEN E ERILMA DESIREE DA SILVA CONCEIÇÃO



música vem embalando as partidas de futebol há décadas. Já é uma tradição no país a composição de hinos para agremiações. Em Minas, nos primórdios do futebol, os hinos possuíam um caráter marcial e eram carregados de expressões bélicas e de um jargão muito mais adequado ao estilo parnasiano.

Bons exemplos dessa época são o hino oficial do Villa Nova, composto em 1916 por Luiz Lacerda, o hino do Palestra Itália (Cruzeiro), composto em 1922 por Arrigo Buzzacchi e Tolentino Miraglia, e o primeiro hino do Atlético, composto em 1928 por Augusto César e Djalma Andrade.

Se fossem cantados em nossos dias, esses hinos representariam um verdadeiro desafio ao torcedor, a começar pela extensão da letra: o primeiro hino do Villa Nova possui 12 estrofes, superado pela letra do hino do Palestra Itália (Cruzeiro), com 14 estrofes. Além da dificuldade de decorar toda a letra, cantá-la a plenos pulmões seria um desafio e tanto para o torcedor, provavelmente, chegando à exaustão antes do final do primeiro tempo. Já a primeira composição do Atlético possui apenas 4 estrofes, mais adequado em termos de execução.

Os hinos marciais são carregados de “expressões bélicas” que acenam a metáfora do futebol enquanto “guerra simbólica”. A título de exemplo, vejamos alguns versos do hino oficial do Villa Nova: “Na luta rival não tem”; “Alerta Jovens Valentes”; “Ao campo nos vão levar / As forças para lutar”; “Lutemos como soldados”. Do mesmo modo, o hino do Palestra Itália apresenta as seguintes expressões: “No campo da luta”; “na luta renhida”. E o hino do Atlético não fica atrás: “O Atlético em valentes combates/ Sai dos campos coberto de glória / E na luta, nos grandes embates / Que ele tem conquistado vitórias”. Essas composições ao estilo marcial também possuem um vocabulário que dificultaria o entendimento da letra por parte dos torcedores em nossos dias, pois, certamente, precisariam de um bom dicionário para saber o que é “pugna”, “renhida”, “pendão”, “pujança”, “altaneira”, “desfralda”, “liça” etc.

Entretanto, na década de 1960 foram compostos novos hinos para os principais clubes de futebol em Minas Gerais, desta vez, embalados por outro ritmo de caráter bem popular: as marchinhas de carnaval. Lamartine Babo, famoso compositor de marchas de carnaval, é quem fizera escola na década de 1940, ao compor as letras de hinos para 11 clubes do Rio. Isso mesmo: 11 clubes. Em 1945, “Lalá”, como

o compositor era carinhosamente apelidado, foi desafiado por um colega da Rádio Mayrink Veiga a compor, semanalmente, um hino para cada clube de futebol do Rio que disputou naquele ano o Campeonato Carioca. Lamartine não se fez de rogado: não só aceitou o desafio como compôs os mais belos hinos do futebol brasileiro. Famosos versos de “Lalá” já embalarão muitos torcedores, como, por exemplo, “Sou tricolor de coração”, “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo”, “Vamos todos cantar de coração”, e “Tua estrela solitária te conduz”. Para que time “Lalá” torcia? Para o América do Rio: “Hei de torcer, torcer, torcer/ Hei de torcer até morrer, morrer, morrer”.

Não tardou, e os benfazejos ares de renovação do cancionário futebolístico chegaram às Gerais. Ares, aliás, que dissipariam algo de empoeirado e mofado, de outros tempos em que o futebol parecia ser propriedade da elite. Em 1965, a pedido da diretoria do Cruzeiro, o compositor Jadir Ambrósio, assim como Lamartine Babo ligado ao universo do carnaval, compôs a letra e a música do atual hino oficial da torcida celeste. O caráter marcial e as expressões bélicas de outrora deram licença para entrar o caráter carnavalesco das marchinhas: “Existe um grande clube na cidade/ Que mora dentro do meu coração/ Eu vivo cheio de vaidade, / Pois na realidade é um grande campeão”.

O mesmo aconteceu com Vicente Motta, outro nome do carnaval mineiro, que em 1969, a pedido da diretoria do Atlético, compôs um novo hino para o clube. O compositor seguiu algumas exigências da diretoria: o hino deveria exaltar a campanha vitoriosa de 1950 na Europa, conhecida como a campanha dos “Campeões do Gelo”, além do torneio “Campeão dos Campeões”, vencido em 1937. Depois de estudar o estilo de Lamartine Babo e embalado pelas marchinhas de carnaval, Vicente Motta cumpriu com sucesso a missão de compor um hino que se tornou o som oficial da massa atleticana: “Nós somos do Clube Atlético Mineiro” / “Nós somos Campeões do Gelo/ O nosso time é imortal/ Nós somos Campeões dos Campeões/ Somos o orgulho do Esporte Nacional”. Segundo Ailton Magioli, em reportagem publicada no dia 29 de fevereiro de 2013, na página “Divirta-se” do site UAI, o próprio compositor se empenhou para a popularização do hino:

Boa parte dessa popularidade se deve ao próprio compositor montes-clarense, que criou esse verdadeiro “patrimônio imaterial” atleticano sob encomenda: “Cantem com a charanga o nosso hino oficial”.

TIMES DA S GERAIS

Assim estava escrito em centenas de cópias Xerox distribuídas por Vicente Motta nos estádios enquanto o Atlético jogava. Simples e relativamente barata, a tática contribuiu para que a trilha sonora do Galo vencesse a eleição do mais belo hino de clube de futebol do mundo. A proeza se deu em Nápoles, na Itália, em 1976.

Assim como Lamartine Babo, Vicente Motta não criou apenas o hino para seu time do coração. O compositor também assina a autoria do hino do América Futebol Clube de Belo Horizonte. Trata-se de um belo hino, pois exalta as características que remontam às origens do clube: “classe aristocrata”, de “espírito esportivo, social e cultural”, “tão famoso e tradicional”. É um dos poucos hinos, senão o único, que homenageia a torcedora do clube: “Sua torcida feminina é demais”. Além disso, o maior triunfo e orgulho do torcedor americano é exaltado na letra: “O nosso América decacampeão”, referindo-se ao Decacampeonato Mineiro conquistado de no período de 1916 a 1925, ainda nos tempos do futebol amador. Além do hino composto por Vicente Motta, o Coelho conta ainda com um segundo hino não oficial, de Fernando Brant e Tavinho Moura, e um hino da torcida, de autoria de Márcio Dias Vianna, todos ilustres torcedores do América.

O Villa Nova também tem um hino popular, mas este não é considerado o hino oficial do clube, que mantém o primeiro hino de caráter marcial. O hino mais conhecido e entoado pela torcida do Villa Nova é: “Aquele clube que existe em Nova Lima,/Amado por todos e por mim.”; “Villa Nova, Villa Nova,/Tú és o Leão do Bonfim.” O hino possui um forte caráter popular.

Mas as curiosidades sobre os hinos de clubes do futebol mineiro não param por aí. Com a popularização do futebol, o arsenal de símbolos dos clubes brasileiros foi ampliado com a integração de novos elementos. Um deles foi a criação de mascotes para os clubes. Em Minas Gerais, as mascotes foram criadas em 1945 pelo chargista Fernando Pierucetti, mais conhecido como “Mangabeira”, autor das mascotes do América (coelho), do Cruzeiro (raposa), do Atlético (galo), do Villa Nova (leão), e de outros clubes mineiros. Mangabeira foi pioneiro e abriu caminho para a imaginação de outros artistas, como o jornalista Marcondes Tedesco, que criou a mascote do Espote Clube Democrata (pantera). As mascotes também são lembradas em algumas letras de hinos populares dos

clubes, compostos a partir da década de 1960: “Galo Forte Vingador” (Atlético); “A bandeira do Tamanduá” (Guarani Esporte Clube); “Pantera de sangue alvinegro” (Esporte Clube Democrata G. V.); “E o galo forte carijó não tem rivais...” (Tupi Football Club); “Um tigre com garras de aço” (Ipatinga Futebol Clube). No rito e no mito do futebol, as mascotes tornam-se símbolos importantes que representam força, astúcia, simpatia, garra e coragem de um clube. As mascotes também alimentam a rivalidade entre os clubes com o galo do Atlético e a raposa do Cruzeiro. No hino do Democrata Esporte Clube podemos ver essa rivalidade entre as mascotes: “Esporte Clube Democrata/Ês uma equipe de grande tradição/ Pantera de sangue alvinegro/A tua força faz tremer qualquer leão”. O “leão” citado no hino, provavelmente, é o “leão” mascote do Clube Atlético Pastoril. Por muitos anos rival do Democrata em Juiz de Fora, o clube do Pastoril não existe atualmente, mas a rivalidade dos clubes ficou eternizada no hino.

Em suma: como se pode notar, essa riqueza presente nas letras dos hinos de clubes mineiros se deve à franca popularização pela qual o futebol passou a partir da década de 1930. Nada mais justo que se buscasse outra trilha sonora, mais adequada a esse espírito popular. E nessa fase áurea, duas paixões nacionais se aliaram: o futebol e o carnaval.

ERILMA DESIREE DA SILVA CONCEIÇÃO

é graduanda do curso de Letras da UFMG e bolsista de Iniciação Científica PROBIC da FAPEMIG. Recentemente, desenvolveu pesquisa sobre os hinos de clubes de futebol em Minas Gerais.

ELCIO CORNELSEN

é professor da Faculdade de Letras da UFMG, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e bolsista do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG; além de líder do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da UFMG e coordenador do projeto “Literatura, Música e Futebol”.

SEGU VIDA DIVI. SAO

FRAGMENTO
DO ROMANCE
DE CLARA
ARREGUY

Mesmo que ainda seja pequena, em comparação com a dimensão que o esporte ganhou no país, a produção ficcional brasileira sobre o futebol vem crescendo. Um bom exemplo é o romance *Segunda Divisão*, da mineira Clara Arreguy (Lamparina Editora, 2005). Em 29 de seus 32 capítulos, o livro mergulha no clima tenso dos dias que antecedem a decisão fictícia do Campeonato Brasileiro da *Segunda Divisão*, entre Santa Fé e Arapiara, envolvendo o leitor no universo dos boleiros e nos dilemas pessoais e esportivos dos jogadores, treinadores, torcedores e jornalistas. O desfecho, então, é adiado pelo capítulo 30, que abandona a narração, prolonga o suspense e faz um passeio pela memória e uma reflexão sobre as lições e emoções que o esporte nos propicia. Vamos com Clara Arreguy e *Segunda Divisão*:

“O esporte é engraçado. Ensina tanta coisa, tanta lição de vida. E não apenas o futebol, mas o esporte em geral. Veja por exemplo as meninas do vôlei brasileiro aquela vez, contra Cuba, quando as cubanas, vencendo o quarto set, começaram a dançar em quadra para humilhar as brasileiras. Não é que nossas meninas foram lá e viraram o jogo no tiebreaker, trazendo a medalha de outro para casa? E o que dizer do Bernardinho, técnico do vôlei masculino campeão, que saiu de um trabalho vitorioso na equipe feminina e foi levar para o mundo masculino seus palavrões, sua garra, seu coração pela boca e seus profundos conhecimentos do esporte? Virou técnico de voleibol, herói nacional.

Não é preciso lembrar Ayrton Senna que, tantos anos depois de sua morte, hoje é sinônimo de trabalho para ajudar crianças pobres, com a fundação que sua irmã toca e que canaliza para escolas e iniciativas solidárias o prestígio que aquele paulistinha metido a besta arrebanhou nas pistas de um esporte elitista, milionário. Grande ídolo, cuja morte trágica, frente às câmeras, traumatizou um país. Quando um corredor feito Rubinho Barrichello repetiria os feitos do Senninha? Nunca. E no entanto até mesmo Rubinho andou emocionando a torcida, com vitórias impossíveis e ultrapassagens inimagináveis – claro, não precisava herdar o “hino da vitória” do tricampeão, não tem estofo para nossas lágrimas, mas na falta de opção, vá lá.

E como esquecer João do Pulo, salto triplo como quem salta no escuro para desastre ou glória? Nos anos 70, glória, recorde mundial, anos e anos imbatível, aquela corrida aparentemente desengonçada, o primeiro passo, o segundo, o voo... A medalha de outro, a eternidade nas retinas dos brasileiros. Depois a perna amputada, os olhos baços e caídos, álcool, doença e morte.

Popó é outro capaz de fazer a adrenalina nacional pulular. Carreira sólida, de trinta e tantas vitórias, quase tudo nocaute, nos ringues daqui e de outros países, colecionando cinturões desta e daquela federação. Mas mire bem o olhar de desvalido daquele tourinho em três momentos: quando declarou seu amor pela moça com quem queria loucamente se casar (o que conseguiu); quando confessou o fracasso daquele casamento que parecia encomendado pelos torcedores fiéis, que não deixaram à moça alternativa (o que de nada adiantou porque o amor

dele não era correspondido); e quando lamentou não poder nunca mais testemunhar o orgulho de seu pai, que havia acabado de morrer, antes de vê-lo conquistar mais uma vitória, mais um nocaute, mais um título. Sua resposta ao amor desfeito e à perda do pai foi também um investimento em obra social para crianças carentes. Como ele, criação e desconsolado.

São lições que os atletas de tudo quanto é modalidade nos ensinam. O nadador Rogério Romero, que conquistou medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo aos 33 anos e sonha em se operar de miopia. Os novos ídolos populares formados pelas vitórias do vôlei de Maurício, Giovani, Giba. O Tande carequinha jogando vôlei de praia, assim como a Jacqueline e a Adriana. E a Isabel, cercada pela filharada, transformada em comentarista de TV do lado de fora das quadras, que trocou pelas fraldas.

Guga, menino prodígio aos 20 anos, conquistador de quadras rápidas e lentas, verdes, vermelhas ou roxas, tonéis de champanhe recheados de taças e dólares. Jovem milionário, dor na cintura, cirurgia, um vexame após outro e decadente aos 23 anos – o que vira do futuro? Quem poderá prever isso? E como fica o astral daquele meninão, sorriso aberto, espontaneidade que poucos gigantes da sua estatura conservaram sob os cachos dos cabelos louros...

Brasileiros ou não, os atletas refletem, como um espelho, as batalhas que o povo empreende – pela sobrevivência, pela ascensão, pelo aperfeiçoamento, pela superação. Caem e voltam, uns dão a volta por cima, outros morrem na praia ou no meio do caminho. Todos, porém, simbolizam frente ao imaginário da plateia os próprios recursos de cada um que vê e torce: limitações, tantas; virtudes, algumas; diferencial, muito poucos. O extraordinário é tão raro, o ordinário tão comum. Vulgaridade somos nós, vivos, enquanto perseguimos o gênio e o monstro que não sabemos onde estarão. Apostamos hoje neste aqui, que conseguiu nos convencer, num lampejo, que nos fará mais felizes por causa de um drible, de um saque, de uma cesta. Amanhã nos farão felizes aquela defesa no ângulo, aquele rebote devolvido de bate-pronto, aquela bicicleta com um a menos em campo. Depois de amanhã, uma cotovelada empurra aos infernos o herói de ontem, sepulta as esperanças de milhões. Roda-gigante, gangorra, zanga-burrinho. O parque de diversões da vida real se completa na transferência que fazemos para nossos gladiadores. Sobe o pano. A sorte esta lançada. Apita o árbitro.”

CLARA ARREGUY

mineira de Belo Horizonte, é jornalista e escritora.

O DE

Entro no avião pensando que aquele cara tem o dom de complicar tudo. É mestre em arrumar confusões com as coisas mais simples, onde ele mete a fuça aparece meleca. O cara é duma burrice ilimitada. Aliás, burro é pouco pra ele: é tapado mesmo, estúpido até não poder mais. Além disso, é um covarde, qualquer apertozinho e ele já tá tremendo. Qualquer pressão de diretor ou treinador e ele começa a assinalar impedimentos atrasado, vacila nos laterais, apronta todas as trapalhadas possíveis, jogando pro buraco o trabalho sério que você tenta fazer. Posso ter a minha carreira arruinada por causa de um babaca desses. O diabo é que o Tenório sempre escala ele pra ser meu assistente; só pode ser pra me sacanear. Já falei um monte de vezes que o Plínio não dá, que compromete, mas o sacana do Tenório não quer nem saber. Todo fim de semana escala essa pustema pra bandeirar pra mim. O Clóvis até que é legal; meio sonso, liso, escoregadio, mas na hora do vamos ver dá pra confiar no que ele indica. Também é um sujeito que tem peito, sei que se alguém partir pra cima de mim ele vai dar cobertura, vai tentar me ajudar a livrar a cara. Não vai fazer que nem o escroto do Plínio que deu o maior vexame em um joguinho de juniores outro dia. Era o tipo da partida boba, sem muita importância. Lá pelas tantas um negão, massagista, sei lá, fez pressão pra cima dele, ameaçou chegar junto. O bambi do Plínio deu um pique tremendo pra correr do negão, praticamente foi se agarrar nuns meganhas que estavam na beira do campo, perto da bandeirinha de escanteio. Parecia uma gazela correndo, sacudindo aquela pulseirinha que ele usa ao lado do relógio. Não é à toa que o Moura sempre fala que o Plínio não engana não – aquilo ali é chegado mesmo é numa mandioca, aquele casamento dele é mera fachada, só entrou nesse negócio de futebol pra ter oportunidade de ficar conhecendo uns rapazinhos e ir armando os esqueminhas dele.

É um jogo chato de apitar, Campeonato Estadual, aquela rivalidade mesquinha, nervos à flor da pele, aperto de todo lado. A começar pela imprensa ordinária do lugar – comentaristas recalcados que passam a

semana atiçando os jogadores, inventando provocações, fazendo campanhas de merda, dizendo que é um absurdo trazer o trio de arbitragem de fora. “A Federação devia valorizar a prata da casa, patatí, patatá.” Um monte de bobagem, botando lenha na fogueira e fazendo ferver o caldeirão do diabo. Na verdade o que eles querem é preparar o terreno pra te crucificar. Qualquer derrapada sua vai ser fatal, eles vão cair em cima como lobos, propor que você seja apedrejado em praça pública.

Felizmente não vim no mesmo voo do Plínio, do Clóvis e do Estevão. De propósito peguei um horário depois, o último. Assim me livreli da chatice da companhia deles na viagem e no jantar que, tradicionalmente, acontece na cidade em que vamos apitar. Chegando ao hotel, ignorei o recado que me deixaram na recepção para que os encontrasse no restaurante “de sempre”. Tô cheio de fazer o de sempre. Deixei a minha bagagem no quarto, lavei as mãos e o rosto, pus uma camisa limpa e saí pra uma caminhada a pé, sozinho. Andei um bocado, nunca tinha andado tanto nesta cidade onde já estive por várias outras vezes. Cheguei diante de um cinema, olhei as fotos e cartazes do filme que está passando e resolvi assisti-lo. Na volta pro hotel, só parei pra tomar um suco, dormi bem à noite.

O estádio está lotado, recebendo cada vez mais gente. Quero entrar em campo junto com os dois times, mas sei que isso vai ser quase impossível. Mando o Estevão dar uma chegada nos vestiários e avisar que eu não vou tolerar atrasos. Aguardo dar 10 minutos antes do início do jogo, espero depois até os 7 minutos e já não posso esperar mais. A cena é a de sempre: um time esperando que o outro entre primeiro, como se essas mesquinhas pudessem influir no resultado da partida. Catimba, pura catimba. O comandante do policiamento do estádio chega no vestiário com aquela cara de quem comeu uma feijoada e não quer nada com a dureza, vem perguntar se eu preciso de alguma coisa. – O de sempre. – respondo sem rodeios. Tenho que entrar, as torcidas fazem um barulho dos diabos, o estádio treme todo. Chamo os meus auxiliares e subimos pro gramado. Somos recebidos com as saudações de sempre. Aliás, este é o único momento do espetáculo em que as torcidas se unem, na nossa

SEMPRE

CONTO DE RODRIGO LESTE

entrada em campo. Mandam o tradicional coro de “ladrão, ladrão” e outras ofensas mais fortes, além da vaia, é claro.

Um repórter pentelho, da mesma rádio de um daqueles comentaristas que já citei, trata logo de me abordar, faz uma pergunta que eu não entendo. O sujeito, acintosamente, coloca o microfone quase que dentro da minha boca. Não vacilo: empurro o microfone e o cara e sigo rápido para o círculo central. Despacho os bandeiras pra verificar as redes de cada gol. Mando o Estevão correr de novo nos vestiários e dar o ultimato: quero os dois times em campo imediatamente.

O Plínio já começa a aprontar. Vem com a informação de que a rede que ele foi olhar está meio frouxa e não sei o quê mais. Pergunto: — Dá pra bola passar? Ele repete aquela cara de pateta que sempre faz diante de qualquer questão, depois responde que não sabe. Falo: — Porra, Plínio, você foi lá ver a merda da rede, fala logo, a bola passa ou não passa? Ele faz uma cara mais estúpida ainda, coça a cabeça e diz que acha que não passa, mas pode ser que possa passar. Me dá vontade de enfiar a mão na cara dele mas exatamente aí os dois times estão entrando em campo. Resolvo não dar importância ao Plínio e trato de começar logo. Quero pegar o último vôo de hoje.

Nos primeiros dez minutos tento administrar o jogo, levar na moral, só na conversa, tudo claro e objetivo, pouco papo e muita bola. Sinto logo que vai ser complicado. Essa partida é daquelas em que todo mundo quer mostrar serviço, aparecer. O jogador que está sendo marcado pela torcida quer se redimir; o outro, cujo contrato está pra se acabar, quer fazer um partidaço pra se valorizar; o come-quieto quer mostrar que é raçudo e sua a camisa; o técnico, o cartola, o comentarista, todo mundo quer se promover. Durante todo o Campeonato Estadual é aquele marasmo, só joguinhos sem graça, com resultados mais do que previsíveis. Mas hoje é diferente, hoje se defrontam as duas grandes forças do Estado numa decisão, tá valendo o título. Devem ter mais de 50 mil espectadores, um calorão danado, um solão de rachar mamona, e a turma lá, firme nas arquibancadas, urrando, se estrebuchando, torcendo como loucos.

Os vinte e dois jogadores estão a fim de me esculhambar, todas as jogadas são disputadas com violência exagerada. Usam de todos os artifícios pra ganhar a bola: carrinhos, tesouras, puxões, empurrões, tudo pra impressionar a torcida, pra dar ideia de raça, amor à camisa. Até algum tempo atrás a preocupação do jogador no campo era exclusivamente com a bola. Hoje não, tudo é feito em função de gerar uma boa imagem, ficar bem na TV, ser assunto nos programas de esportes daqui, de todo o país e mesmo do mundo. O cara joga sempre de olho nas câmeras, esperando marcar um gol e fazer aquela comemoração que ensaiou durante toda a semana.

Com 20 minutos já aconteceram mais de vinte faltas. Chamo os dois capitães e aviso: — Se continuar desse jeito eu vou ter que amarelar e se necessário dar o cartão vermelho também. Não adianta nada. Pouco depois o ala e o atacante que joga ali pela beirada do campo, como se fosse um antigo ponta, trocam tapas e empurrões, aquele negócio de um querer tomar a bola do outro pra bater logo o lateral. Não tem outro jeito, tenho que dar o cartão amarelo pros dois. Uns moleques, diga-se de passagem. São daquele tipo que fingem, em campo, viver às turras, se atacam, se empurram, se ofendem; mas na verdade são unha e carne. Independente das camisas que vestem nos gramados, fora são colegas de farra, vivem nos embalos e são figuras manjadas na noite da cidade. 0X0, o primeiro tempo quase pra terminar, os nervos estraçalhados, eu tendo que usar de todas as artimanhas pra não deixar a partida descambar. Nesta situação, o que o árbitro tem a fazer é amarrar mais o jogo, marcar tudo, se impor de todas as formas. Passo a exigir que as faltas sejam batidas no lugar certo, revento laterais mal cobrados e quase caio na besteira de marcar o sobrepasso de um goleiro. Ainda bem que me contive a tempo e não marquei; se saí um gol num lances desses, aí é que o negócio poderia degingolar mesmo. Trato de acabar logo o primeiro tempo, dou apenas um minuto de desconto para descontentamento geral.

Quando estou saindo para o vestiário percebo um vulto atrás de mim. Temendo pelo pior, faço um movimento brusco com o corpo tentando

me desviar de um possível ataque. Tudo o que consigo é tropeçar e cair no chão. Levanto rapidamente, mas as vaias da torcida são imediatas. O tal vulto que se aproximava, correndo como um louco, era apenas o maldito repórter querendo me entrevistar. Digo que não vou falar e logo me arrependo: o safado do comentarista vai aproveitar a minha recusa pra fazer mais acusações, cair de pau em cima de mim durante o intervalo. — Merda! — falo em voz alta

— Tá tudo correndo bem, fiz um bom primeiro tempo, sem cometer nenhum erro. Não dando a entrevista fica parecendo que tô com medo, com a consciência pesada.

Às vezes meus amigos, pessoas que ficam me conhecendo, deixam a vergonha de lado e perguntam abertamente por que resolvi ser juiz de futebol, aguentar tanto desaforo, ser humilhado e etc. Quando respondo que é exclusivamente pelo dinheiro que me ajuda a levar uma vida um pouco melhor, muitos não se convencem, acham que tem outros motivos, ocultos talvez. — Uma certa dose de masoquismo, quem sabe? — alguns chegam a arriscar.

Com o recurso do VT a vida do juiz ficou mil vezes pior. É uma covardia você ficar reprisando um lance quatro, cinco vezes em câmera lenta, sob diversos ângulos, para depois acusar a arbitragem de algum erro. Poucos ponderam sobre as nossas dificuldades em campo, onde tudo tem que ser decidido numa fração de segundos. Quase ninguém se refere ao jogador que passa na sua frente, no suor que entra no seu olho, no branco que dá na sua cabeça,...

O Plínio, no primeiro tempo, já tinha dado algumas mancadas. Ignorei os seus erros e mandei seguir. Agora vai ser mais complicado: se ele assinalar um impedimento, eu mandar tocar, o cara vai e faz o gol, todos vão correr na minha direção e dizer que o bandeira tinha marcado o impedimento, uma encheção dos diabos.

Achei que esse jogo ia ser mesmo uma meleca, arrastado, sem uma jogada que prestasse, todo embolado no meio de campo. Mas tá pior do que eu podia imaginar. Com menos de 15 minutos do segundo tempo não tenho outro recurso: dou o vermelho pro ala e o atacante que estão me atazanando desde o início. Eles passaram dos limites. No primeiro tempo já tinham sido amarelados e agora trocaram tapas. — Fora! Os dois! — Ambos os times fervem inteiros em cima de mim, tomo três ou quatro peitadas, as devolvo junto com alguns empurrões. O Clóvis corre e fica do meu lado, o Plínio também se aproxima, mas não entra no bolo, só fica ali, ao redor. O Estevão chega com os meganhas. Falo: — Tenente, tira logo esses dois que eu expulsei. É bom eles andarem logo senão encerro o jogo agora mesmo, ponho na súmula que não tenho segurança pra trabalhar. — Ele me olha com cara de poucos amigos, deve ser torcedor fanático de um dos times e achar que estou atrapalhando tudo. O comentarista também deve estar fazendo a minha caveira, falando no rádio que aconteceu o que ele previra. Que eu arruinei o espetáculo, blá, blá, blá.

Depois que os expulsos saem, torno a chamar os capitães de cada equipe: — Olha aqui, eu avisei desde o começo. Vamos jogar limpo, sem gracinhas. O de sempre, entenderam? — Jogador nunca responde nada,

só faz que sim com a cabeça. O melhor é recomeçar logo, perdi quase 6 minutos com toda a palhaçada.

Daí em diante tenho que redobrar os cuidados, todos vão passar a jogar contra mim. O cara sabe que pode virar herói se marcar um gol numa partida dessas, mesmo que seja de mão, impedido. Todos vão se valer de todas as manhas, a correria vai aumentar porque com dez de cada lado existe mais espaço.

A partida ganha um clima de guerra. Reparo que a polícia já pegou alguns torcedores que tentam invadir o campo, certamente não pensando em me entregar flores... 41, 42 minutos, ainda tem os descontos, eu rezando pra acabar logo. Uma bola esticada na frente, lançamento duns 40 metros, intuo que o atacante está impedido. Olho pro Plínio, ele não levanta a bandeira. Penso: “Vou apitar logo.” Só que na hora sai um arrote, o picles que eu comi de entrada no almoço. Jesus! Esse cara vai fazer o gol, tudo muito rápido, eu na intermediária vendo a jogada, ele dribla o goleiro e manda pro fundo da rede. A contra-gosto aponto pro centro do campo. A última coisa que eu queria que tivesse acontecido era sair esse gol. 0x0 seria o placar ideal, inclusive financeiramente — haveria uma partida extra pra decidir o Campeonato. Olho pro Plínio que também corre pro meio de campo. O time que sofreu o gol vem todo me cercar. Não tenho dúvidas: aponto pro Plínio e digo que ele não marcou nada. Todos correm na sua direção acompanhados pela comissão técnica, os reservas e os cartolas. Vão logo tacando a mão no idiota. Os meganhas também entram, a torcida começa a invadir, um pandemônio. Consigo correr em zigue-zague pro vestiário perseguido por torcedores e com um dos cachorros loucos da polícia nos meus calcanhares.

Não sei como os outros, o Clóvis e o Estevão, conseguem chegar. O Plínio chega depois, de maca. Parece que quebraram algumas de suas costelas e ele tá com um olho roxo também. A turba enfurecida quer invadir o vestiário, temos que ser retirados do estádio dentro de uma ambulância. Ninguém se atreve a dar uma única palavra.

À noite, no hotel, ficamos os quatro diante da televisão vendo o lance ser reprisado não sei quantas vezes — o atacante estava realmente impedido. O Plínio agora tá frito mesmo, provavelmente será eliminado dos quadros da Federação. Eu também vou ficar marcado. Depois de passar um tempo na geladeira, vou ser escalado pra apitar só joguinhos no interior. Minhas cotas serão reduzidas. Mas quem sabe, no próximo ano, a poeira já vai ter baixado e as coisas se ajeitam; o de sempre.

RODRIGO LESTE

é escritor e homem de teatro, trabalhando como ator, montador, produtor e dramaturgo. Como poeta e contista, publicou os livros *Tesão e Fé*, *Lobos no Cio*, *O Labirinto de Machado de Assis* e *outros contos* e *A Infernização do Paraíso*.

TRISTEZAS DE UM JECA TORCEDOR

SEBASTIÃO NUNES

A importante notícia incendiou Montes Claros, a pacata MOC: o Atlético jogaria contra o Ateneu, o melhor time da cidade, rival eterno do Casimiro de Abreu, em que jogava Zoim, baiano bom de bola. Como tantos outros retirantes, descera de Ilhéus, Bahia, e morava no mesmo hotel que eu. Durante o dia, exercia a profissão de alfaiate, cortando e costurando panos, com direito a sair do trabalho nos horários de treino, regalia de craque. E olha que eu sabia o que era um craque, ao vivo, pois já tinha visto um.

Numa pelada, na praça de esportes, fui apresentado aos dribles de Jomar Macedo, 12 anos, pequeno e esperto, habilidade desconcertante. Foi o único craque de verdade que enfrentei na curta vida de pretendente a bom de bola. Havia aspirantes talentosos: meus irmãos Aluísio e Etelvino, Nô de Bento, Afonso, Amorzinho. Este chegou, com seu estranho apelido, a profissional do Cruzeiro, os outros não chegaram a lugar nenhum. Jomar foi titular do próprio Atlético e também de Vasco e Fluminense, além da seleção juvenil brasileira. Craque de verdade.

Capiau estudante ou vice-versa, produto chocho da ensolarada BOC (ou Bocaiúva, atolada no sertão mineiro), eu tinha 13 anos e era atleticano desde os 11, depois de renegar a paixão vascaína, imposta pela Rádio Nacional do Rio. Naquele tempo (década de 1950), futebol chegava pelo rádio, e a emissora que chegava era a carioca e uma que outra de São Paulo, entre elas a religiosa Rádio Aparecida. Deve ser por isso que, até hoje, as duas maiores torcidas do Brasil são Flamengo e Corinthians, passadas de pai para filho através do éter e das vozes, no Rio, de Jorge Kury e Antônio Cordeiro, um de voz grossa, outro de voz fina.

Sexta-feira de manhã, antevéspera da partida, visitaram o Colégio Diocesano alguns craques atleticanos. Só me lembro de Zé do Monte,

comprido e elegante dentro do terno, com seu bigodinho penteado, distribuindo autógrafos entre a molecada, eu inclusive, de boca aberta e sorriso basbaque. E do massagista Campeão, negro enorme e fortíssimo. Os demais – nem sei quantos eram – sumiram da memória.

No domingo, pouco depois das três da tarde, lá estava eu na arquibancada do estádio do Ateneu, picolé em punho, pronto para ver os semideuses em carne e osso. Conhecidos me gozavam, logo ali ao lado:

— Tem picolé na sua terra não, bocaiuvense?

Tinha. Mas não tinha jogo do Atlético. Nem campo gramado. O máximo que havia era o território pelado atrás do hospital, radicalmente talhado em duas partes. Na metade de cima, quase plana, predominava terra dura e tufo enfezados de grama. Na metade de baixo, em declive, dando para o matadouro municipal, calhaus de tamanhos variados, aleatoriamente distribuídos no terreno irregular, constituíam pavorosa ameaça às canelas infelizes dos bocaiuvenses de todas as gerações. Não havia pelada em que eu não saía gloriosamente pingando sangue. E me considerando herói. De noite, dando voltas na pracinha acanhada, cada um de nós exibia suas medalhas rubras para as garotas, que não estavam nem aí para essas tristes proezas de poeira e cascalho.

O tempo custava a passar. Na minha cabeça de garoto, seria um banho de bola inesquecível. Uma daquelas goleadas monumentais tão comuns nos confrontos casados × solteiros ou de times suburbanos contra profissionais.

Então o Ateneu entrou em campo. E finalmente eles, com aquela ginga de campeões, os craques do Galo. Eu? Boquiaberto. Apatetado.

O jogo começou e nem sombra do que eu esperava. Os pernas de pau do Ateneu corriam que nem loucos, meus heróis passeavam em campo. Davam passes curtos, fingiam se esforçar e paravam de mão na cintura. Também eram espectadores.

Quando o Ateneu fez o primeiro meu coração gelou. Como era possível? Aquele time da roça marcar no glorioso Galo? Não só marcou um como marcou outro. 2 × 0.

Acabou o primeiro tempo e fiquei ali sentado, cabisbaixo, desanimado. O que é que estava havendo com aquela turma?

Começou o segundo tempo e tudo se repetiu. Nem sujar a camisa suaram! Pelo menos mostraram um pouco de entusiasmo e conseguiram dois gols. 2x2. Mas era uma farsa ruim, encenação vagabunda, pior que as peças de teatro infantojuvenil que a molecada mostrava no ginásio. Para quem esperava goleada, e só admitia goleada, era o fim.

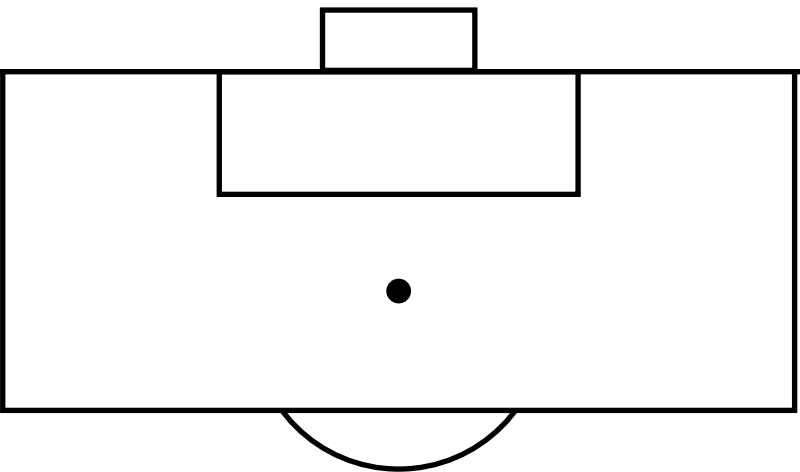
Não sei a que altura do campeonato o Ateneu marcou o terceiro. Sei que foi num chute chifrim, lá da intermediária. A bola veio pererecando e Kafunga, o grande Kafunga, caiu na bola devagar, infinitamente devagar, enquanto ela, a maldita bola, entrava mansamente, quase sem tocar na rede, e parou lá, bem lá no fundo do poço de meus sonhos.

Kafunga se levantou, limpando o uniforme. Notei então que ele não passava de um velhinho careca, fantasiado de goleiro. Foi o último ano de sua longa e vitoriosa carreira. E meu primeiro contato com a amarga realidade do futebol profissional.



SEBASTIÃO NUNES

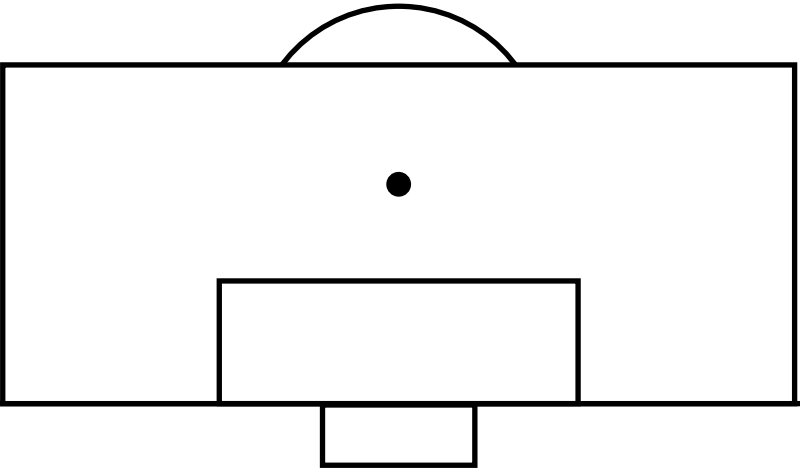
mineiro de Bocaiúva, é poeta, escritor e colunista do jornal *O Tempo*, além de fundador da Editora Dubolsinho.



E o jogo começa. Vai pelo centro, recebe. Olha o campo, procura jogo na lateral; ajeita o peito, passa, corre; segue a partida atento. Acompanha o marcador e pede outra vez, sem resposta... Agora deu sorte; recebe com segurança, procura jogo, domina, ajeita, faz a finta no marcador, parte em velocidade pro ataque, dribla um, deixa outro pra trás, faz a finta e fica na cara do gol, prepara, vamos lá eu quero jogo eu quero já! se lança por cima E OLHO NO LANCE... NA TRAAAVE ao lado do balcão, sem chance de defesa.

**PARTIDA
DE BAR**
CLEBER CABRAL

O segurança apita e o garçom para o jogo. Parece que a coisa foi séria. Olha lá, que o resgate tá chegando. O médico examina e fala com o garçom, que ergue o braço. Fim de jogo para mais um freguês. E o placar até agora é UM para a casa, ZERO para João Gostoso. Voltamos com a programação normal, logo após os comerciais.



CLEBER CABRAL
é mestre e doutorando em Estudos Literários pela UFMG, com pesquisas sobre Murilo Rubião. Atualmente é editor da revista *Em Tese*.

SUPLEMENTO



Capa: André Fidusi



IMPRESA OFICIAL
Governo do Estado de Minas Gerais

EUGÊNIO FERRAZ

Diretor Geral da Imprensa Oficial
do Estado de Minas Gerais

O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas
da Imprensa Oficial do
Estado de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



Governador do Estado de Minas Gerais
Secretária de Estado de Cultura
Secretária Adjunta de Estado de Cultura
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Alberto Pinto Coelho
Eliane Parreiras
Maria Olívia de Castro e Oliveira
Catiara Oliveira Mello Afonso

Suplemento Literário

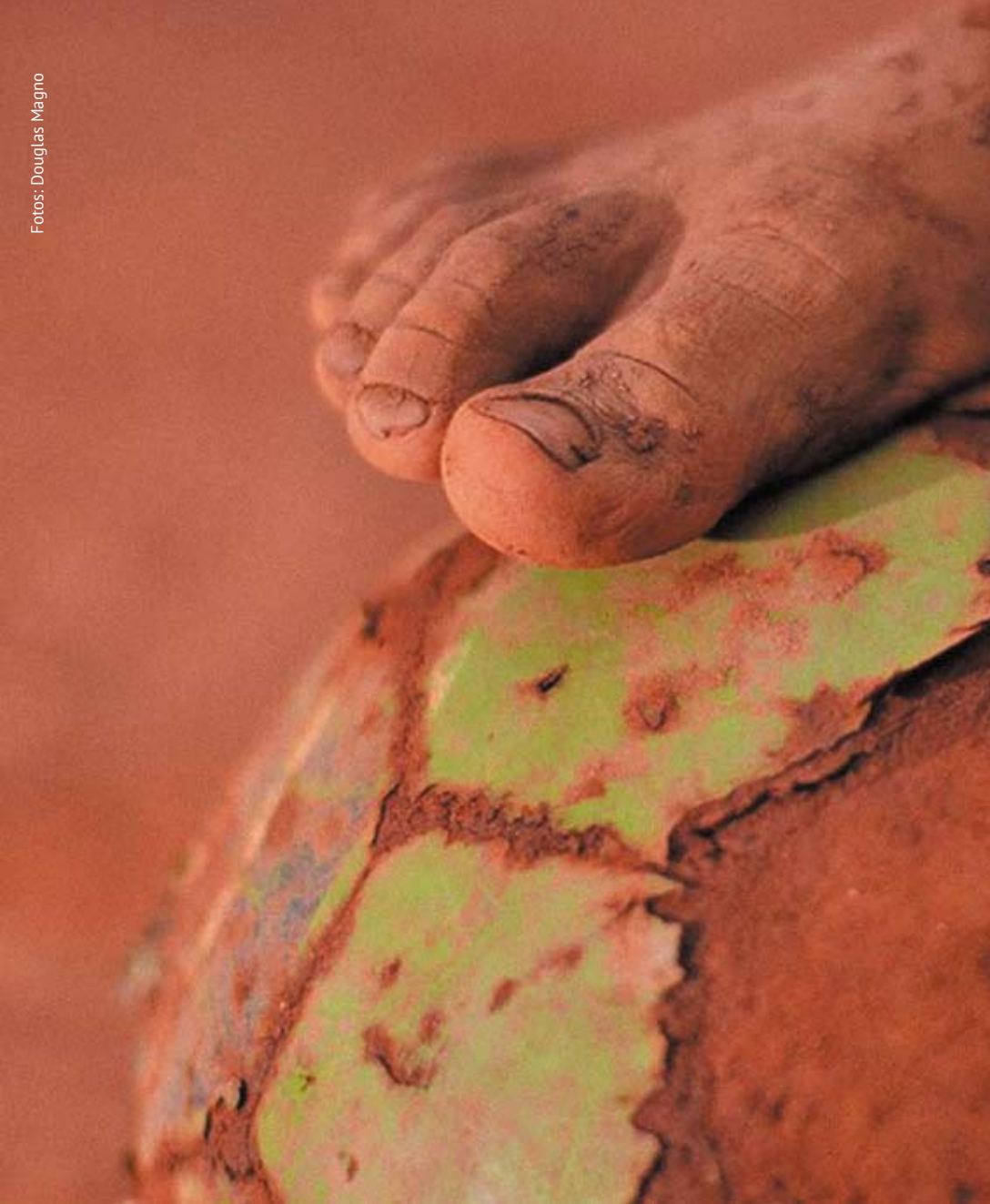
Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Agência
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial

Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Traço Leal
Plínio Fernandes
Carol Luz
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira,
André Luiz Martins dos Santos, Daniela Mara dos Santos
Andrade (estagiária)
Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br



ELCIO CORNELSEN

Ludopolémas

Futebol de prego

não tem totó
nem gude
nem escravos de Jó
figurinhas
pião largado
fieira do lado
nem a pipa
e seu quadriculado

prego azul e branco
prego alvinegro
sobre o verde esmalte
a cobrir a tábua
lixada do caixote

moeda deslizando
por entre os pregos
sorradeira,
caprichosa
tabelinha
faz vibrar,
um momento
fugaz,
guardado
a vida inteira

Nos primórdios

derby
football
club
score

back
charge
center half
foul

center-forward
shoot
ball

goal keeper
leader
scratch
corner

crack
dribbling
team

full back
penalty
goal

Independência, em 1950

estreia
dos inventores
em mundiais

com
Ramsey,
Aston
e Wright

a torcida
no Raimundo
Sampaio
animada

esperando
por mais uma
goleada

1 × 0
inesperado
de um jovem
selecionado

o americano
Gaetjens
o autor
da proeza
haitiano
de nascença
driblando
com destreza
os mestres

cairia
vítima de
papa doc

Ludofutebolésantropofágico

No derbi
o escrete
busca
o escore

O beque
toca para
o craque
do time

O centralfe
chargeia
o centerfor
fau

O golquíper
é o líder
do clube
de futebol

O fulbeque
grita pênalti
mas é corner

O ponta
cruza
para o
craque

Um drible
o chute
a bola
é gol